UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE HISTÓRIA/LICENCIATURA

LUCI GOMES

A CONSTRUÇÃO DA DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA DA SANTA CRUZ NO INTERIOR DE ERECHIM NO RIO GRANDE DO SUL

ERECHIM

2026

LUCI GOMES

A CONSTRUÇÃO DA DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA DA SANTA CRUZ NO INTERIOR DE ERECHIM NO RIO GRANDE DO SUL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História/Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Renan Santos Mattos

ERECHIM

2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Gomes, Luci
A CONSTRUÇÃO DA DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA DA SANTA CRUZ NO INTERIOR DE ERECHIM NO RIO GRANDE DO SUL / Luci Gomes. -- 2026.
73 f.:il.

Orientador: Mestre e Doutor Renan Santos Mats

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim,RS, 2026.

1. A construção da Devoção a Nossa Senhora da Santa Cruz. 2. HISTÓRIA, TERRITÓRIO E ESTRATÉGIA NA FORMAÇÃO DA COLÔNIA ERECHIM ..... 3. A HISTÓRIA DE DOROTHÉA MENEGON FARINA. 4. A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DA SANTIDADE DE DOROTHÉA MENEGON FARINA: JORNAIS, MATERIALIDADE E DEVOÇÃO NO SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA SANTA CRUZ .. I. Mats, Renan Santos, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUCI GOMES

A construção da Devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz no interior de Erechim no Rio Grande do Sul

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado no curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia **10/08/2026.**

BANCA EXAMINADORA:

gov.br Documento assinado digitalmente
RENAN SANTOS MATTOS
Data: 21/08/2026 17:21:37-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Renan Santos Mattos (orientador)

gov.br Documento assinado digitalmente
ISABEL ROSA GRITTI
Data: 24/08/2026 13:27:57-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Isabel Rosa Gritti – UFFS (avaliadora)

gov.br Documento assinado digitalmente
LETICIA SABINA WERMEIER KRILOW
Data: 21/08/2026 17:17:24-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Letícia Sabina Wermeier Krilow - SME Guaiba (avaliadora)

Dedico este trabalho à minha mãe e minhas filhas, que caminharam comigo em todos os momentos deste percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe e minhas filhas que estiveram comigo em todos os momentos deste percurso. Minha mãe incansável em seus cuidados e zelo, minhas filhas Hither que se tornou minha assessora para assuntos de slides e internet, além de confidente, e Stella que mostrou seu apoio com seus cafés e massagens. Vocês foram meu maior suporte nos momentos de alegrias e de tristezas.

Ao meu querido orientador Renan Santos Mattos, que demonstrou ter um estoque enorme de paciência e generosidade intelectual e acadêmica com esta orientanda teimosa. Não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão.

Aos meus colegas de curso, pois cada um a seu modo em algum momento me ajudou, me estendeu a mão. À Magda Leite, colega de curso que passou a fazer parte da minha vida fora da universidade. Nossas almas se reconheceram desde o primeiro dia, e ao longo destes quatro anos e meio caminhamos juntas, uma auxiliando a outra e, com certeza, assim seguiremos.

Ao meu Primo Prof.º Me. Jonny Guimarães que me presenteou com os ajustes deste TCC. Receba minha gratidão, pois foi muito valiosa para mim sua ajuda. Ao quadro de professores da UFFS, todos sempre estiveram a postos todas as vezes que necessitei de ajuda extra, em especial a prof. ª Dr. Isabel Gritti que foi meu talismã nesta universidade. Ficou gravado em meu coração o momento em que estando eu a apenas 4 minutos dentro da universidade, pela primeira vez, a prof. ª Dr. Isabel Gritti chegou ao meu lado e ao saber que eu iniciava o curso de história me deu o sorriso e o abraço mais luminoso que já recebi. E essa luminosidade me acompanhou e acompanha sempre.

E por mais clichê que possa ser, agradeço com todo meu coração à Deus e a meus Caboclos, que me guiam, me protegem e me permitiram chegar até aqui.

A todos os mencionados minha gratidão.

"O catolicismo popular não é uma religião 'incompleta' ou 'ignorante', mas uma forma autônoma de vivenciar o sagrado, criada pelo próprio povo a partir de suas necessidades, dores e esperanças."

— **Pedro A. Ribeiro de Oliveira** *(In: Religiosidade Popular na América Latina)*

RESUMO

Esta pesquisa analisa a construção da devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz no interior de Erechim, Rio Grande do Sul, tomando como eixo central a trajetória de Dorothéa Menegon Farina e o processo de constituição do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz como lugar de memória. O estudo insere-se no campo da História das Religiões e das Religiosidades e tem como objetivo compreender de que maneira a experiência religiosa atribuída à Dorothéa foi ressignificada pelos fiéis até consolidar uma devoção popular capaz de ultrapassar gerações e produzir um espaço de preservação da memória coletiva. A pesquisa fundamenta-se nos conceitos de campo religioso, de Pierre Bourdieu, e de memória, de Jacques Le Goff, permitindo analisar as disputas simbólicas em torno da legitimidade das práticas religiosas populares e os mecanismos de construção e preservação das memórias coletivas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo, utilizando livros, artigos científicos, jornais históricos, fotografias, documentos do acervo do santuário e registros institucionais. Inicialmente, contextualiza-se a formação histórica da Colônia Erechim, destacando sua diversidade étnica e religiosa. Em seguida, analisa-se a trajetória de Dorothéa Menegon Farina, às narrativas sobre aparições, milagres, perseguições e a consolidação da devoção popular. Por fim, investiga-se o papel do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz como espaço de preservação da memória religiosa, evidenciando a importância dos objetos, das romarias, da imprensa e das narrativas coletivas na perpetuação dessa devoção. Conclui-se que o santuário ultrapassa sua função estritamente religiosa, constituindo-se como um espaço de construção, preservação e transmissão da memória coletiva, no qual a trajetória de Dorothéa Menegon Farina permanece continuamente ressignificada pela experiência religiosa dos devotos.

Palavras-chave: Religiosidade popular; Memória; Santuário; Dorothéa Menegon Farina; Erechim.

ABSTRACT

This research analyzes the construction of the devotion to Our Lady of the Holy Cross (Nossa Senhora da Santa Cruz) in the rural area of Erechim, Rio Grande do Sul, Brazil, focusing on the trajectory of Dorothéa Menegon Farina and the process through which the Shrine of Our Lady of the Holy Cross (Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz) was established as a site of memory. The study is situated within the field of the History of Religions and Religiosity and aims to understand how the religious experience attributed to Dorothéa was reinterpreted by the faithful until it became a form of popular devotion capable of transcending generations and creating a space for the preservation of collective memory. The research is grounded in Pierre Bourdieu's concept of the religious field and Jacques Le Goff's concept of memory, enabling an analysis of the symbolic disputes surrounding the legitimacy of popular religious practices and the mechanisms involved in the construction and preservation of collective memory. Methodologically, this is a qualitative study based on a literature review, documentary analysis, and field research, using books, scientific articles, historical newspapers, photographs, documents from the shrine's collection, and institutional records. Initially, the historical formation of the Erechim Colony is contextualized, highlighting its ethnic and religious diversity. Subsequently, the study examines the trajectory of Dorothéa Menegon Farina, as well as the narratives concerning apparitions, miracles, persecution, and the consolidation of popular devotion. Finally, it investigates the role of the Shrine of Our Lady of the Holy Cross as a space for preserving religious memory, emphasizing the importance of devotional objects, pilgrimages, the press, and collective narratives in perpetuating this devotion. The study concludes that the shrine transcends its strictly religious function, becoming a space for the construction, preservation, and transmission of collective memory, in which the trajectory of Dorothéa Menegon Farina is continuously reinterpreted through the religious experience of its devotees.

Keywords: Popular religiosity; Collective memory; Shrine; Dorothéa Menegon Farina; Erechim.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Chegada de imigrantes na Colônia Erechim (1919) 16
Figura 2 - Vista aérea da cidade de Erechim em 1990 17
Figura 3 - Vista aérea da Praça da Bandeira em 1953 18
Figura 4 - Foto do Castelinho (Comissão de Terras), em 1917 21
Figura 5 - Igreja Matriz em 1948 26
Figura 6 - Fotografia de D. Dorothéa Menegon Farina 30
Figura 7 - A cruz no chão e a estatueta do Santuário 34
Figura 8 - Tanque onde há a fonte e parte da trilha de pegadas 35
Figura 9 - Vista da residência de Dorothéa Menegon Farina 48
Figura 10 - Quarto de Dorothéa Menegon Farina 49
Figura 11 - Imagens sacras preservadas 50
Figura 12 - Fotografias antigas expostas no acervo 51
Figura 13 - Reportagem sobre o fortalecimento da infraestrutura do Santuário 52
Figura 14 - Painel com recortes de jornais preservados no acervo 54
Figura 15 - Primeira reportagem preservada sobre Dorothéa Menegon Farina 55
Figura 16 - Reportagem destacando os fenômenos místicos atribuídos à Dorothéa 56
Figura 17 - Reportagem sobre o aumento das romarias ao Santuário 57
Figura 18 - Reportagem destacando a devoção popular e os relatos de graças 58
Figura 19 - Espaços destinados às manifestações de fé e homenagens dos visitantes 63
Figura 20 - Espaços destinados às manifestações de fé e homenagens dos visitantes II 64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICA - Jewish Colonization Association

IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....12

2 HISTÓRIA, TERRITÓRIO E ESTRATÉGIA NA FORMAÇÃO DA COLÔNIA ERECHIM 15

2.1 Colônia planejada para ser exemplo de modernidade 15

2.2 Pluralidade étnica provinda da colonização 21

2.3 Mosaico de identidades religiosas 24

3 A HISTÓRIA DE DOROTHÉA MENEGON FARINA E A DEVOÇÃO POPULAR À NOSSA SENHORA DA SANTA CRUZ 29

3.1 Trajetória de Dorothéa Menegon Farina e a emergência do fenômeno devocional.....29

3.1.1 História de D. Dorothéa e das aparições.....29

3.1.2 O Santuário e a construção de uma santidade popular 34

3.2 Disputa pelo sagrado, resistência institucional e consolidação da devoção 38

4 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DA SANTIDADE DE DOROTHÉA MENEGON FARINA: JORNAIS, MATERIALIDADE E DEVOÇÃO NO SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA SANTA CRUZ 44

4.1 O Santuário como espaço de construção da memória 46

4.2 Os jornais e a construção da narrativa sobre Dorothéa 51

4.3 A disputa pela santidade: entre a rejeição e a legitimação 59

4.4 Da memória à santidade: a construção da hagiografia de Dorothéa Menegon Farina ..61

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 66

REFERÊNCIAS 68

1. INTRODUÇÃO

A religiosidade popular é um dos fenômenos mais marcantes da história social do Brasil, especialmente nas regiões onde há forte influência da imigração europeia e do catolicismo. No interior do Rio Grande do Sul, diversas formas de devoção foram sendo criadas a partir das experiências diárias das comunidades, relacionando fé, memória, identidade e sentimento de pertencimento. Nesse cenário, a devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz, originada na trajetória de Dorothéa Menegon Farina, representa um tema importante para os estudos de História das Religiões e das Religiosidades, pois mostra como as práticas religiosas populares podem gerar espaços de memória, reforçar identidades coletivas e consolidar formas de santidade socialmente construídas.

Mais do que simplesmente estudar a vida de Dorothéa Menegon Farina, esta pesquisa busca entender como sua história foi sendo reinterpretada pelos fiéis ao longo do tempo, até se tornar um patrimônio religioso compartilhado por milhares de romeiros. Com o passar dos anos, relatos de aparições, milagres, perseguições, sofrimento e experiências místicas passaram a fazer parte da memória coletiva da comunidade, sendo preservados por meio da oralidade, dos objetos, dos jornais, das romarias e principalmente do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz. Assim, o santuário deixa de ser apenas um espaço dedicado às práticas religiosas e passa a ser um verdadeiro local de memória, em que diferentes elementos materiais e simbólicos ajudam a manter viva a lembrança de Dorothéa e a fortalecer a devoção popular.

Este estudo se insere na área de História das Religiões e das Religiosidades ao examinar a formação histórica de uma devoção popular e os mecanismos pelos quais certas experiências religiosas ganham legitimidade social. Para entender esse fenômeno, utiliza-se o conceito de campo religioso, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2005), que considera a religião como um espaço de disputas simbólicas onde diferentes atores buscam validar práticas, discursos e formas de autoridade religiosa. A trajetória de Dorothéa ilustra justamente essas disputas entre a religiosidade popular e a institucionalização da fé, mostrando como a devoção permaneceu viva mesmo diante de resistências e questionamentos.

Ao mesmo tempo, a pesquisa apoia-se nas ideias de Jacques Le Goff (1996), sobre a memória, que não deve ser vista como uma reprodução exata do passado, mas como uma construção social constantemente reformulada pelos grupos humanos. Dessa maneira, a memória se manifesta por meio de monumentos, documentos, narrativas, celebrações, objetos e locais que selecionam acontecimentos considerados importantes para determinada comunidade. O Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz, junto com seus espaços de peregrinação, objetos

preservados, fotografias, jornais e documentos, exemplifica esse processo de construção da memória religiosa.

O problema da pesquisa consiste em compreender de que maneira a trajetória de Dorothéa Menegon Farina foi transformada em uma narrativa coletiva capaz de consolidar a devoção popular e fazer do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz um espaço de preservação da memória religiosa. Busca-se investigar como diferentes mecanismos simbólicos contribuíram para essa permanência, especialmente a materialidade do santuário, os registros jornalísticos e a circulação das narrativas produzidas pelos próprios devotos.

O objetivo geral consiste em analisar como o Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz se constitui como um lugar de memória, responsável por preservar, ressignificar e fortalecer a trajetória religiosa de Dorothéa Menegon Farina e a devoção popular construída em torno de sua figura.

Como objetivos específicos, pretende-se contextualizar historicamente a formação da Colônia Erechim e a pluralidade religiosa presente na região; reconstruir a trajetória de Dorothéa Menegon Farina e o surgimento da devoção popular; analisar o santuário enquanto espaço de construção da memória coletiva; compreender a participação da imprensa na elaboração das narrativas sobre Dorothéa; e investigar como esses diferentes elementos contribuíram para a formação de uma santidade popular.

Este estudo é importante por contribuir com as pesquisas sobre religiosidade popular no sul do Brasil, um tema ainda pouco explorado sob a ótica da História Cultural e da História das Religiões. Ao investigar conjuntamente memória, materialidade, imprensa e devoção, a pesquisa amplia a compreensão dos processos de construção simbólica da fé e mostra como as comunidades religiosas criam seus próprios referenciais de identidade, mantendo vivas experiências consideradas extraordinárias mesmo sem o reconhecimento oficial da Igreja.

Quanto à metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa com referência na pesquisa histórica, que envolveu análise historiográfica e documental. A fundamentação teórica foi construída por meio do debate com os textos lidos de Pierre Bourdieu (1989, 1996, 2005,), Jacques Le Goff (1996), Renan Santos Matos e Artur Isaia (2015). A pesquisa bibliográfica para analise da história da migração e suas interações com as religiões no norte do Rio Grande do Sul, veio da produção historiográfica local de Isabel Rosa Gritti (1997), João Carlos Tedesco (2012) e Ana Paula Prilla Molozzi (2017) sobre a história de Erechim e a questão religiosa. Em relação ao estudo de campo realizado no Santuário, foi feito um minucioso registro de imagens, no qual se buscou problematizar os sentidos e significados atribuídos pelos devotos à experiência religiosa e à materialidade do espaço. A análise não buscou verificar a veracidade dos fenômenos descritos, mas entender os processos históricos que moldaram seus significados sociais e culturais. O tratamento interpretativo deu-se na lógica da desmontagem das fontes

como prescreve Le Goff (1996), ao articular a vontade de verdade presente nos registros presentes na legitimação social dos bens religiosos (Bordieu, 1996).

O trabalho está organizado em quatro capítulos. O segundo apresenta o contexto histórico da formação da Colônia Erechim, abordando o processo de colonização, a diversidade étnica e a constituição do mosaico religioso regional, evidenciando o ambiente em que posteriormente surgiria a devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz.

O terceiro capítulo analisa a trajetória de Dorothéa Menegon Farina, discutindo as narrativas relacionadas às aparições, ao sofrimento, aos milagres e à consolidação da devoção popular, além da constituição do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz como espaço privilegiado de peregrinação e prática religiosa.

Por fim, o quarto capítulo investiga os mecanismos responsáveis pela preservação dessa devoção ao longo do tempo, examinando o santuário como lugar de memória, a atuação dos jornais na construção da narrativa sobre Dorothéa, as disputas em torno da santidade popular e os processos que contribuíram para transformar sua trajetória individual em uma memória religiosa compartilhada pela comunidade.

2. HISTÓRIA, TERRITÓRIO E ESTRATÉGIA NA FORMAÇÃO DA COLÔNIA ERECHIM.

Neste capítulo analisa o processo histórico de formação da Colônia Erechim, as relações entre ocupação territorial, políticas de colonização e organização do espaço urbano. O ensejo é compreender como o planejamento estatal e os ideais de modernidade e progresso contribuíram para a construção do município, levando em consideração também a diversidade dos grupos sociais, étnicos e religiosos que fizeram parte desse processo. Assim sendo, a análise da formação territorial e urbana de Erechim constitui um ponto de partida para compreender as transformações sociais e culturais que marcaram a região ao longo do século XX.

2.1 COLÔNIA PLANEJADA PARA SER EXEMPLOS DE MODERNIDADE

Este capítulo analisa o processo de ocupação e organização espacial da cidade de Erechim, para compreender o desdobramento estratégico das políticas de colonização do Estado do Rio Grande do Sul no início do século XX. Assim, investiga-se desde o seu planejamento urbano original, pautado nos ideais de modernidade e progresso, até a consolidação de uma sociedade marcada por uma intensa pluralidade étnica e religiosa. A formação da Colônia Erechim não se limitou à distribuição de lotes agrícolas, mas constituiu a base para um mosaico de identidades em que tradições europeias, luso-brasileiras e indígenas interagiram, criando relações de sociabilidade e trocas culturais características da história do município. A figura abaixo retrata a chegada de um grupo de imigrantes, tomando conhecimento de suas novas terras, onde começariam então uma nova vida.

Figura 1 - Chegada de imigrantes na Colônia Erechim (1919)



Fonte: Arquivo histórico Miguel Illa Font (2026).

Em 30 de abril de 2026, Erechim completou 108 anos de emancipação e constituiu-se cidade-polo de mais de 30 municípios, no norte gaúcho, com uma estimativa de 109 mil habitantes. A economia na formação do município baseou-se no extrativismo da erva-mate e agricultura familiar, porém a indústria metal mecânica, com foco na fabricação de carrocerias de ônibus e produtos rodoviários também é forte. É certo que a agroindústria se mantém ativa conjuntamente com o comércio, bem como à prestação de serviços, não só no centro da cidade, mas também no bairro Três Vendas (que se tornou o segundo centro comercial na cidade), sendo os setores que mais geram empregos hoje. Hoje a vista aérea de Erechim contém muito mais prédios e muito menos verde do que na figura 2 que vemos a seguir.

Figura 2 - Vista aérea da cidade de Erechim em 1990



Fonte: Arquivo histórico Miguel Illa Font (2026).

A questão urbana representa um debate importante, desse modo, o seu traçado central se mantém igual ao original de 1914, quando Torres Gonçalves desenhou suas linhas, inspirando-se nas cidades de Paris e Washington, apresentando ruas largas e diagonais que se encontram em praças centrais, como a Praça da Bandeira, projetando, assim, a modernidade e o progresso que foram os ideais de sua fundação, mas seu crescimento demográfico fez com que esse traçado fosse se modificando com o surgimento dos novos bairros (Cassol, 1979).

Figura 3 - Vista aérea da Praça da Bandeira em 1953[1]



Fonte Arquivo histórico Miguel Illa Font (2026).

A formação histórica de Erechim está vinculada ao processo de ocupação do norte do Rio Grande do Sul, área que integrou, por longo período, uma zona de fronteira pouco controlada pelos poderes coloniais. Antes da constituição do núcleo urbano, a região fazia parte de um espaço mais amplo conhecido como Alto Uruguai, caracterizado por circulação limitada de população permanente e por atividades econômicas voltadas sobretudo à extração e à subsistência (Bald; Maciel, 2023). Neste aspecto, Bald e Maciel afirmam:

> Situada na região do Alto Uruguai, Erechim compartilha suas fronteiras com diversos municípios vizinhos, definindo sua posição geográfica e influência no cenário educacional regional. Ao Norte, faz fronteira com os municípios de Aratiba e Três Arroios, ao sul com Getúlio Vargas e Erebango, a Leste com Gaurama e Áurea, e a oeste com Paulo Bento e Barão de Cotegipe. Essa posição geográfica torna Erechim um importante centro de referência educacional na região (Bald; Maciel, 2023, p. 15305).

A compreensão do surgimento do município exige considerar as dinâmicas de ocupação, nas quais a presença indígena, os deslocamentos de grupos mestiços e as incursões de bandeirantes constituíram elementos iniciais da configuração territorial (Cassol, 1979; Molozzi, 2017).

Durante o período colonial, a região esteve associada a disputas entre as coroas ibéricas pelo controle das áreas situadas entre os domínios portugueses e espanhóis. Essas disputas produziram sucessivas redefinições territoriais, o que retardou a implantação de núcleos urbanos estáveis no espaço que posteriormente seria ocupado por Erechim. A presença humana

[1] Nesta imagem vê-se com nitidez o traçado original de Erechim. A Praça da Bandeira desde o início foi e se mantém o ponto central da cidade.

ocorreu de forma dispersa, composta por grupos que se deslocavam pela mata em busca de recursos naturais ou rotas de circulação. Tal configuração manteve a área relativamente afastada das estruturas administrativas mais consolidadas do sul do Brasil (Karnal, 1926).

Com o passar do tempo, esse espaço começou a receber populações que mantinham relações mais permanentes com o território. Entre os habitantes estavam descendentes de bandeirantes que se estabeleceram na região e estabeleceram relações com grupos indígenas, especialmente os Kaingang. Como informa Font (1983):

> Bravios como os Charruas, porém pedestres e seminômades, são os Kaingangs das florestas do Alto Uruguai. A esses irredutíveis e arredios, os guaranis das Missões chamam de "bugres" (ferozes), pois lhes fogem às relações e não raro os atacam como inimigos. Por isso, difícil e perigoso é penetrar e andar pela selva densa do Mato Castelhano (Font, 1983, p. 64).

A convivência entre esses grupos produziu formas específicas de ocupação e uso da terra, geralmente baseadas em pequenas posses e em práticas agrícolas de subsistência. Nessas condições, a economia local permaneceu pouco integrada aos circuitos comerciais mais amplos durante boa parte do século XIX (Molozzi, 2017).

A situação modificou-se quando o Estado passou a considerar a região como área estratégica para políticas de colonização. O avanço do capitalismo agrário no Rio Grande do Sul produziu tensões em áreas mais antigas de colonização, conhecidas como Colônias Velhas, onde o crescimento populacional gerava pressão sobre a disponibilidade de terras. Nesse contexto, a ocupação das áreas do Alto Uruguai passou a ser vista como alternativa para absorver parte dessa população e ao mesmo tempo garantir a incorporação de extensas áreas consideradas devolutas[2] ao sistema produtivo (Caron; Tedesco, 2012).

As ações estatais voltadas para a colonização envolveram a realização de levantamentos territoriais e a organização de projetos de ocupação planejada. A demarcação das terras do Alto Uruguai teve início no começo do século XX, período em que também se desenvolviam obras de infraestrutura voltadas à integração regional. Entre essas iniciativas estava a construção da ferrovia[3] que ligaria o interior do estado às outras regiões do país. O traçado ferroviário abriu

---

2

O termo "terras devolutas" refere-se às terras que, no período, eram consideradas pelo poder público como pertencentes ao Estado e que não se encontravam regularmente incorporadas ao domínio particular. No contexto da colonização do Alto Uruguai, essa classificação esteve relacionada às políticas estatais de ocupação, demarcação e distribuição de terras, sendo utilizada como fundamento para a expansão dos projetos de colonização na região.

possibilidades de circulação de pessoas, mercadorias e materiais de construção, favorecendo a implantação de novos núcleos urbanos (Caron; Tedesco, 2012; Molozzi, 2017).

Registros históricos indicam que, em seu contexto da formação da cidade, a localidade recebeu denominações distintas. Em meados de 1903, documentos mencionam o nome “Boa Vista” para designar a área. Posteriormente, com a chegada de novos habitantes, o lugar passou a ser chamado de “Paiol Grande”, denominação associada à existência de um grande depósito utilizado para armazenar erva-mate nas proximidades do desvio Giareta. A referência aparece em anotações realizadas por engenheiros que trabalhavam no traçado da ferrovia na região (Karnal, 1926; Psidonik, 2019).

O nome Erechim, neste período, não indicava ainda o núcleo urbano atual. A denominação era utilizada para designar uma extensa área do Alto Uruguai, que abrangia diferentes localidades e áreas de circulação regional (Psidonik, 2019). Somente posteriormente o nome passou a ser associado ao espaço urbano que se consolidaria como município. Essa transformação acompanha o processo de organização administrativa e territorial promovido pelo governo estadual durante a colonização da região (Ducatti Neto, 1981).

A criação oficial da Colônia Erechim ocorreu em 6 de outubro de 1908, quando o governo do Rio Grande do Sul decidiu estabelecer um núcleo de colonização no então oitavo distrito do município de Passo Fundo. A decisão fazia parte de um projeto mais amplo voltado à ocupação das áreas do Alto Uruguai por imigrantes e migrantes provenientes de outras regiões do estado e da Europa. A iniciativa envolveu a atuação de órgãos estatais responsáveis pela administração da colônia e pela organização da distribuição das terras (Ducatti Neto, 1981; Psidonik, 2019).

A implantação da colônia exigiu a presença de equipes técnicas encarregadas de medir, demarcar e dividir as terras destinadas aos colonos. Uma comissão de engenheiros foi designada para executar esses trabalhos, sob coordenação de Severiano de Souza Almeida. Entre as tarefas atribuídas ao grupo estavam a identificação das áreas disponíveis, a definição dos lotes agrícolas e a organização inicial do espaço destinado ao povoamento. Esse processo marcou o início das ações concretas de ocupação planejada da região (Ducatti Neto, 1981).

A ocupação efetiva começou a consolidar-se por volta de 1910, quando foram construídas as primeiras estruturas administrativas e de apoio aos colonos:

> A origem da urbanização da Região remonta ao ano de 1910. O primeiro núcleo urbano [...] se formou a 5,5 Km da Estação Erechim, na atual cidade de Getúlio Vargas. Os primeiros 36 colonos chegaram em 1910. Em dois anos

> já seriam 7.500. Estes números demonstram que havia uma estratégia de ocupação rápida das terras da região (Psidonik, 2019, p. 35).

Entre essas edificações estavam o escritório da Comissão de Terras (figura 4),uma enfermaria destinada ao atendimento básico da população e depósitos utilizados para armazenamento de materiais. Também foram erguidos barracões que serviam como alojamento temporário para os imigrantes recém-chegados, demonstrando que a colonização envolvia a chegada contínua de novos moradores (Ducatti Neto, 1981).

Figura 4 - Foto do Castelinho (Comissão de Terras), em 1917



Fonte: Arquivo histórico Miguel Illa Font (2026).

A formação do núcleo urbano não ocorreu de maneira espontânea, mas seguiu um planejamento prévio voltado à organização da colônia. O traçado urbano foi concebido dentro de uma lógica que buscava ordenar ruas, quadras e espaços públicos de forma previamente definida. Essa característica levou parte da historiografia local a considerar Erechim como uma das primeiras cidades planejadas do Brasil, associando seu surgimento à atuação de técnicos, engenheiros e administradores ligados ao projeto de colonização estatal (Ducatti Neto, 1981; Font, 1983).

Esse planejamento urbano estava relacionado ao contexto de expansão econômica e territorial vivido pelo estado no início do século XX. O projeto de colonização buscava estabelecer núcleos que pudessem integrar atividades agrícolas, comércio e administração pública em um mesmo espaço organizado. A cidade planejada aparecia como forma de

disciplinar o uso do território e de facilitar a administração da população que se instalava na região (Caron; Tedesco, 2012; Molozzi, 2017).

A constituição do espaço urbano ocorreu paralelamente ao desenvolvimento de atividades econômicas ligadas à agricultura e à exploração de recursos naturais. Os colonos recebiam lotes destinados ao cultivo e à formação de pequenas propriedades. Essa estrutura fundiária favoreceu o surgimento de uma sociedade baseada em unidades produtivas familiares, que mantinham relações comerciais com o núcleo urbano em formação. Assim, o crescimento da cidade esteve ligado às dinâmicas econômicas estabelecidas nas áreas rurais próximas (Caron; Tedesco, 2012; Molozzi, 2017).

Desta forma, com o avanço da ocupação e o aumento da população, o núcleo urbano consolidou-se como centro administrativo e social da região. As instituições locais passaram a organizar diferentes aspectos da vida cotidiana, desde a administração das terras até a criação de espaços de convivência comunitária. Nesse processo, Erechim deixou de ser apenas uma área de colonização e passou a constituir um município com estruturas políticas, econômicas e sociais próprias, resultado de um projeto de ocupação territorial planejado no início do século XX.

2.2 PLURALIDADE ÉTNICA PROVINDA DA COLONIZAÇÃO

A formação social da região de Erechim está diretamente relacionada ao processo de colonização ocorrido no norte do Rio Grande do Sul no início do século XX. Esse processo integrou um conjunto de políticas públicas voltadas à ocupação de áreas consideradas devolutas pelo Estado, inseridas no contexto da reorganização administrativa e territorial após a Proclamação da República. Nesse período, a expansão das frentes de colonização foi entendida como estratégia para promover o povoamento e estimular a produção agrícola em áreas ainda pouco integradas à economia regional (Pesavento, 2002; Schmidt, 2009).

Como já mencionado, antes da colonização oficial, contudo, o território que posteriormente constituiria o município de Erechim já apresentava ocupação humana. A região era habitada por populações indígenas, especialmente grupos Kaingang, além de luso-brasileiros que se estabeleceram como posseiros ao longo do século XIX (Font, 1983). Essas populações desenvolveram formas próprias de ocupação do espaço, ligadas à extração de recursos naturais e à agricultura de subsistência (Weimer, 2003; Caron; Tedesco, 2012).

A presença desses grupos demonstra que a colonização não ocorreu sobre um território vazio, mas sobre uma área já marcada por diferentes formas de ocupação e uso da terra. Segundo relatos históricos, além dos indígenas e caboclos, a região passou a receber indivíduos que buscavam refúgio de conflitos políticos e judiciais ou que procuravam novas oportunidades econômicas em áreas de mata ainda pouco controladas pelo poder público (Molozzi, 2017).

No início do século XX, o governo do Rio Grande do Sul passou a implementar um projeto mais sistemático de colonização, com a consolidação da Colônia Erechim em 1908:

> Os imigrantes europeus que chegam à Colônia Erechim, a partir de 1910, não estão abandonados no processo de iniciação e de fixação da terra. Muitos não vêm diretamente da Europa, mas sim de outras regiões – estiveram, antes, em diversos lugares do Estado e do País. Encontram uma infra-estrutura em fase de execução, um órgão oficial de colonização em atividade a seu benefício, uma ferrovia, além da hospitalidade e do espírito de ajuda de compatriotas aclimatados e experientes, que falam os mesmos idiomas (Schmidt, 2009, p. 75).

A iniciativa foi articulada pela Diretoria de Terras e Colonização e tinha como objetivo organizar a ocupação territorial por meio da divisão de lotes agrícolas e do estabelecimento de núcleos coloniais planejados (Ducatti Neto, 1981; Schmidt, 2009).

Esse modelo de colonização estava associado às políticas de incentivo à imigração europeia e à migração interna. O Estado buscava atrair trabalhadores agrícolas capazes de desenvolver atividades produtivas e consolidar o povoamento da região. Logo, a chegada de diferentes grupos de imigrantes contribuiu para a formação de uma sociedade marcada pela diversidade étnica e cultural (Iotti, 2001).

Entre os grupos que participaram do processo de colonização, os imigrantes poloneses tiveram presença significativa nos primeiros anos de ocupação. De acordo com registros históricos, sua presença na região antecede inclusive a chegada de outros grupos europeus, tendo se estabelecido inicialmente em localidades que posteriormente se tornaram municípios da região do Alto Uruguai (Garcez, 1997).

Esses imigrantes desenvolveram diversas atividades econômicas, especialmente na agricultura, mas também em atividades artesanais, comerciais e industriais de pequena escala. A organização de cooperativas agrícolas, como a fundada em 1912 no povoado Floresta, demonstra à importância da cooperação comunitária na estruturação econômica das primeiras comunidades coloniais (Psidonik, 2019).

Outro grupo importante no processo de colonização da região foi o dos imigrantes italianos. Embora inicialmente constituíssem uma minoria em relação às outras etnias presentes na Colônia Erechim, seu número aumentou com a intensificação da migração interna proveniente das chamadas “colônias velhas” do Rio Grande do Sul, especialmente após a redução da imigração europeia provocada pela Primeira Guerra Mundial (Font, 1983).

Com o passar do tempo, os descendentes de italianos tornaram-se um dos grupos mais numerosos da região, participando ativamente do desenvolvimento agrícola, comercial e industrial. A presença italiana contribuiu para consolidar formas específicas de organização do trabalho familiar, além de influenciar práticas culturais, religiosas e associativas presentes nas comunidades locais (Schmidt, 2009; Molozzi, 2017).

Além de poloneses e italianos, a colonização da região contou com a presença de imigrantes alemães. A chegada desse grupo ocorreu por volta de 1912, quando diferentes famílias se estabeleceram em localidades próximas à sede da colônia ou em áreas vinculadas à construção da estrada de ferro, atividade que desempenhou função importante na integração econômica da região (Psidonik, 2019).

Em algumas localidades do Alto Uruguai, os alemães chegaram a constituir uma parcela expressiva da população. Núcleos coloniais como Rio Novo, atual município de Aratiba, concentraram grande número de famílias dessa origem, contribuindo para a formação de comunidades culturalmente marcadas por tradições linguísticas, religiosas e associativas próprias (Molozzi, 2017; Psidonik, 2019).

Outro elemento no processo de ocupação da região foi a atuação de empresas privadas de colonização. Além das iniciativas promovidas diretamente pelo Estado, companhias colonizadoras adquiriram extensas áreas de terra e promoveram sua divisão em lotes destinados à instalação de famílias de colonos, participando ativamente da estruturação do espaço rural (Schmidt, 2009).[4]

Entre essas empresas destacam-se a Companhia Colonizadora Luce e Rosa e a Jewish Colonization Association. A primeira foi responsável pela organização de diversos núcleos coloniais e pela abertura de estradas, enquanto a segunda desenvolveu projetos voltados à

[4] A **Companhia Colonizadora Luce e Rosa** destacou-se pela abertura de estradas, demarcação de lotes rurais e fomento à infraestrutura comunitária básica, como capelas, para migrantes internos e imigrantes europeus. Paralelamente, a **Jewish Colonization Association (ICA)**, fundada pelo Barão Maurice de Hirsch, implementou um projeto específico voltado ao assentamento de famílias judias que sofriam perseguições na Europa, estabelecendo o núcleo de Quatro Irmãos em 1909, onde organizaram instituições comunitárias, escolas e sinagogas próprias.

instalação de colonos judeus que buscavam novas oportunidades econômicas fora da Europa (Schmidt, 2009).

Assim, a diversidade de origens dos colonos, somada à presença de populações já estabelecidas na região, contribuiu para a formação de uma sociedade plural. Diferentes grupos étnicos passaram a compartilhar o mesmo território, estabelecendo relações sociais, econômicas e culturais que moldaram a identidade regional ao longo do século XX.

A colonização de Erechim não pode ser compreendida apenas como um processo de ocupação territorial, mas como um fenômeno social caracterizado pela interação entre distintos grupos populacionais. A pluralidade étnica resultante desse processo constitui um dos elementos centrais para compreender a formação histórica e cultural da região do Alto Uruguai.

2.3 MOSAICO DE IDENTIDADES RELIGIOSAS

A formação social da Colônia Erechim ocorreu em um contexto marcado pela presença de diferentes grupos de imigrantes e migrantes internos que chegaram à região ao longo das primeiras décadas do século XX. Esse processo trouxe consigo distintas tradições culturais e práticas religiosas, que passaram a coexistir no território recém-ocupado. A diversidade de origens dos colonos, associada à dinâmica da colonização estatal e privada, contribuiu para a constituição de um espaço social no qual diferentes crenças e instituições religiosas passaram a integrar a vida cotidiana das comunidades locais (Ducatti Neto, 1981; Font, 1983).

Entre os grupos que se estabeleceram na região, a presença de colonos europeus esteve acompanhada da manutenção de tradições religiosas trazidas de seus lugares de origem. Essas práticas eram reproduzidas no novo território por meio de celebrações, festividades e rituais comunitários que acompanhavam o cotidiano das famílias colonizadoras (Molozzi, 2017; Psidonik, 2019). Nesse sentido, a experiência religiosa atua como um espaço de disputa e reconfiguração de capitais simbólicos, permitindo aos sujeitos negociar sua identidade e posição social diante das rupturas provocadas pelo deslocamento migratório (Bourdieu, 2005; Isaia, 2017)."

No caso específico da Colônia Erechim, a presença do catolicismo tornou-se expressiva desde os primeiros momentos de organização do núcleo urbano. Grande parte dos colonos que chegaram à região professava essa tradição religiosa, o que favoreceu a criação de espaços destinados às práticas de culto e à realização de celebrações coletivas. Ao longo do tempo, a

construção de igrejas e capelas passou a integrar o processo de organização social das comunidades coloniais (Ducatti Neto, 1981; Illa Font, 1983).

Figura 5 - Igreja Matriz em 1948



Fonte Arquivo histórico Miguel Illa Font (2026).

A construção da Igreja Matriz em Erechim (figura 5) constitui um exemplo dessa dinâmica. A edificação do templo ocorreu mediante mobilização da comunidade local, que participou da arrecadação de recursos e da organização das atividades necessárias à sua construção. As dificuldades associadas à obtenção de materiais e à distância em relação aos centros comerciais não impediram que a obra fosse concluída ao longo das décadas seguintes, demonstrando a importância atribuída às práticas religiosas pela população local (Molozzi, 2017).

> Os primeiros habitantes da cidade de Erechim, assim como se empenharam na construção de sua cidade, também foram perseverantes na construção da Igreja Matriz, pois grande parte da população professava a fé católica. Ao longo de sua existência, a Igreja Matriz concentrou sob o seu teto grande parte da comunidade que ali se reunia para fazer as suas preces e a sua caminhada cristã (Molozzi, 2017, p. 11).

Além de espaço destinado às celebrações litúrgicas, a Igreja Matriz passou a funcionar como ponto de encontro da população. Em torno do templo desenvolveram-se atividades sociais e culturais que integravam a rotina da comunidade. Batizados, casamentos, celebrações religiosas e festividades tradicionais eram realizados nesse espaço, contribuindo para a formação de memórias coletivas associadas à experiência urbana e comunitária da cidade (Molozzi, 2017; Psidonik, 2019).

Esse processo pode ser compreendido à luz das reflexões de Bourdieu acerca do campo religioso. Para o autor, as instituições religiosas organizam práticas simbólicas que contribuem para a produção de significados compartilhados pelos grupos sociais. Tais práticas não se restringem ao âmbito estritamente espiritual, pois também estruturam relações sociais, definem formas de pertencimento e participam da construção de identidades (Bourdieu, 2005; Bourdieu, 2013).

No contexto brasileiro, as transformações do campo religioso estiveram associadas à expansão territorial, aos fluxos migratórios e às mudanças sociais ocorridas entre os séculos XIX e XX. Em regiões de colonização recente, como o norte do Rio Grande do Sul, a instalação de diferentes grupos populacionais contribuiu para a formação de paisagens religiosas diversificadas, nas quais distintas tradições passaram a coexistir no mesmo espaço regional (Isaia, 2009).

Na Colônia Erechim, essa diversidade também esteve associada à presença de imigrantes de diferentes origens nacionais. Poloneses, italianos e alemães trouxeram consigo práticas religiosas que se integraram ao cotidiano das comunidades rurais e urbanas. A organização de capelas, cemitérios e escolas vinculadas às comunidades locais demonstra que a religião esteve presente na estruturação das relações sociais nas áreas coloniais (Schmidt, 2009; Psidonik, 2019).

A atuação de empresas colonizadoras privadas também contribuiu para a instalação dessas instituições religiosas. Entre as atividades desenvolvidas por algumas dessas companhias estavam a demarcação de terras e a abertura de estradas, mas também a colaboração na construção de capelas e espaços comunitários. Essas iniciativas indicam que a presença de instituições religiosas fazia parte do processo de organização das novas colônias agrícolas (Molozzi, 2017; Psidonik, 2019).

Outro elemento que ampliou a diversidade religiosa da região foi a instalação de colonos judeus na Fazenda Quatro Irmãos, empreendimento organizado pela Jewish Colonization Association. Essa iniciativa tinha como objetivo oferecer oportunidades de trabalho e

estabelecimento agrícola para famílias que enfrentavam perseguições ou dificuldades econômicas em diferentes regiões da Europa.

> Poucos dias após a compra da propriedade de Quatro Irmãos, em novembro de 1909, o diretor da colônia Filipson Leibovich, alertava para a importância de se selecionar cuidadosamente os imigrantes que formariam o primeiro grupo a ser instalado. "É fundamental que sejam agricultores e não artesãos que não possuem nenhum conhecimento de agricultura e que, diante das primeiras dificuldades, recorrerão à sua antiga profissão e abandonarão a colônia." Considerava, Leibovich, que a ICA e seu sistema de colonização não estavam ainda bem conhecidos no país, e o governo não tinha ainda confiança nos israelitas, elementos novos para ele, que vão introduzir-se no país e ocupar vastos territórios (Gritti, 1997, p. 40).

Os colonos instalados nessa área desenvolveram diversas atividades econômicas e organizaram instituições comunitárias próprias, entre elas escolas e sinagogas. Essas estruturas indicam a presença de práticas religiosas distintas daquelas predominantes entre os colonos católicos, ampliando o quadro religioso existente na região do Alto Uruguai nas primeiras décadas do século XX (Gritti, 1997).

Nota-se que mesmo com as dificuldades enfrentadas ao longo do tempo, incluindo conflitos regionais e mudanças econômicas que provocaram deslocamentos populacionais, a presença dessas comunidades contribuiu para a formação de uma paisagem religiosa diversificada. Diferentes tradições passaram a compartilhar o mesmo espaço regional, ainda que em proporções distintas e em contextos sociais específicos.

A pluralidade religiosa presente na região também pode ser compreendida em relação às dinâmicas culturais do interior do Rio Grande do Sul. Embora o catolicismo tenha se estabelecido como força institucional predominante, a diversidade de denominações reflete as diferentes correntes migratórias e as transformações do campo religioso regional (Isaia, 2017; Savinski, 2015).

Além da presença católica e do judaísmo em Quatro Irmãos (Gritti, 1997); a região viu consolidar-se a presença do Luteranismo, especialmente em núcleos de colonização alemã como Aratiba (antigo Rio Novo), onde a fé evangélica de confissão luterana estruturou espaços de sociabilidade e educação (Psidonik, 2019). Da mesma forma, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Igreja Cristã Evangélica estabeleceram comunidades que compartilhavam o território com as práticas de benzeduras e religiosidade popular de matriz cabocla, evidenciando que as fronteiras entre o oficial e o popular eram constantemente negociadas (Molozzi, 2017).

Nas últimas décadas, esse mosaico expandiu-se com o crescimento de igrejas Pentecostais e Neopentecostais, bem como a organização de centros de Espiritismo e espaços dedicados às religiões de Matriz Africana, que, embora historicamente invisibilizados na documentação oficial da colonização, compõem a realidade espiritual urbana atual de Erechim. Esse conjunto de elementos contribuiu para a consolidação de experiências religiosas que ultrapassavam o âmbito individual e se inseriam na vida social das comunidades (Savinski, 2015).

Assim, pode-se dizer que a formação religiosa de Erechim esteve associada ao processo de colonização que trouxe para a região populações de diferentes origens. A predominância do catolicismo entre muitos colonos conviveu com outras tradições religiosas presentes em comunidades específicas, como as organizadas pelos imigrantes judeus em Quatro Irmãos. A coexistência dessas práticas contribuiu para configurar um cenário religioso marcado por diversidade, inserido nas transformações sociais e culturais que acompanharam a formação histórica do município. Portanto, a Devoção à Dorothéa passa a representar um novo elemento no contexto marcado pela pluralidade e rígidas fronteiras identitárias.

3 A HISTÓRIA DE DOROTHÉA MENEGON FARINA E A DEVOÇÃO POPULAR À NOSSA SENHORA DA CRUZ

Este capítulo investiga a trajetória de Dorothéa Menegon Farina e o processo de constituição da devoção popular à Nossa Senhora da Santa Cruz, no contexto do interior do Rio Grande do Sul. Busca-se compreender como experiências individuais, associadas às interpretações religiosas de sofrimento, cura e manifestações consideradas sobrenaturais, contribuíram para a formação de práticas devocionais que se expandiram para além do âmbito doméstico. Nesse sentido, o capítulo vem estabelecer uma relação direta com a devoção ao evidenciar como a figura de Dorothéa se tornou elemento central na mediação com o sagrado, articulando crenças, narrativas e práticas coletivas que sustentaram e consolidaram essa expressão de religiosidade popular ao longo do tempo.

3.1 TRAJETÓRIA DE DOROTHÉA MENEGON FARINA E A EMERGÊNCIA DO FENÔMENO DEVOCIONAL

Para compreender o objeto devocional em estudo, fez-se uma análise articulando a biografia individual de Dorothéa Menegon Farina (Figura 6) às sensibilidades coletivas da comunidade rural na qual estava inserida. É possível perceber que não é um evento isolado, a emersão dessa prática religiosa expressa a força do catolicismo popular diante dos processos de reconfiguração de capitais simbólicos e das tensões inerentes às estruturas institucionais da Igreja Católica. Sob a ótica teórica de Pierre Bourdieu, o campo religioso constitui um espaço permanente de disputas pelo monopólio dos bens de salvação, onde sujeitos subalternos frequentemente negociam suas identidades, dores e esperanças por meio de manifestações dotadas de autonomia cultural. Assim sendo, investigar a transição de uma experiência religiosa doméstica para um referencial hagiográfico coletivo, demanda desvelar os sentidos práticos atribuídos ao sofrimento, à cura e à obediência espiritual. É a partir desse entrelaçamento entre a trajetória de Dorothea e a apropriação simbólica realizada pelos devotos que se torna possível compreender, inicialmente, a estruturação cronológica de seus relatos de visões e o impacto social das mensagens por ela registradas.

3.1.1 História de D. Dorothéa e das Aparições

Figura 6 - Fotografia de D. Dorothéa Menegon Farina



Fonte: Acervo da autora (2026).

Dorothéa Menegon nasceu no dia 13 de junho de 1911 em Veranópolis-RS, cursou o antigo primário incompleto e casou-se com Artibano Farina, e, como lei da época, passou a usar também o sobrenome do marido, passando a chamar-se então Dorothéa Menegon Farina. Agricultora e inserida em um contexto rural marcado pela forte presença do catolicismo popular, sua trajetória esteve profundamente associada às práticas religiosas comunitárias e familiares, comuns entre as populações descendentes de imigrantes europeus no interior do Rio Grande do Sul (Savinski, 2015; Nossa Senhora..., s.d).

Esposa e mãe, considerava-se profunda devota de Santo Antônio e de Nossa Senhora da Salete, promotora do apostolado da oração a Jesus crucificado, catequista e uma das introdutoras do costume da visita da capelinha domiciliar. Aos 33 anos, mãe de 4 filhos, com diagnóstico de uma doença grave, segundo relatos seus, na época, fez a Deus um pedido: se ficasse curada aceitaria passar em todas as quaresmas de sua vida, todas as provas, perseguições, injúrias, ofensas, e chagas corporais pelos quais Jesus Cristo passou. A narrativa decorrente de memórias e experiências históricas dialoga com a perspectiva de Rogério Souza a respeito do conceito de catolicismo popular, no qual os significados de fé e simbologias são construídos pelos grupos sociais. Portanto, a compreensão de Souza enfatiza a dimensão produtora dos grupos socialmente dominados e as possibilidades de tensão na organização institucionalizada do catolicismo, sendo esse processo marcado por conflitos e negociações. Logo, “O catolicismo popular é produzido, portanto, a partir de camadas sociais que se situam de forma subalterna em relação às estruturas de poder das quais a Igreja, enquanto espaço institucional, faz parte. ” (2008, p. 127).

Caroline Lipreri Andreolla e Cristine Fortes Lia contribuem no sentido de reflexão histórica do conceito, visto que "o caráter popular não serve para designar, meramente, o que não está reconhecido pela Igreja Católica" (Andreolla, Lia, 2018, p. 148). No mesmo sentido, Solange Ramos problematiza a dicotomia do oficial/popular, dominante/dominado e enfatiza a possibilidade de análise histórica das experiências religiosas e sua relação com os grupos que estabelecem significados, em que:

> O conceito de catolicismo popular era usado automaticamente, sem uma preocupação em pensar sua historicidade ou em detectar as maneiras pelas quais diversos atores sociais se apropriavam dele. Ao identificar que a extensão popular ocupava a maior parte das denominações que fugiam do caráter institucional, percebi que em todas as abordagens, ao utilizarem este termo, analisavam as manifestações a partir do viés institucional e não uma manifestação com certa autonomia. Uma religião não será percebida enquanto "popular" senão quando uma religião "oficial" a declara ultrapassada e não legítima. (Ramos, 2008, p. 238)

Sob tais pressupostos, passa-se a debater a memória oficial construída em torno da experiência religiosa de Dorothea. Familiares e populares da época acreditaram que a terrível doença levou-a à morte, óbito este prescrito por um médico em 18 de dezembro de 1944. Mas os mesmos relatos alegam que após o velório de 24 horas ela voltou à vida normal. Antes disso, no dia 25 de fevereiro de 1944, enquanto lavava roupas em um tanque rústico, na única nascente d'água da propriedade, Dorothéa alega ter tido a primeira visão de uma Santa que denominou-se Nossa Senhora da Santa Cruz, e que assim o era em homenagem ao Brasil, já que Terra de Santa Cruz foi um de seus primeiros nomes.

Essa dimensão contribuiu para a formação de um imaginário religioso regional que se fortifica na oralidade, na circulação de testemunhos e na prática coletiva da devoção. Nesse sentido, Pesavento (2002) ressalta que os espaços de devoção popular são também espaços de construção simbólica e de memória coletiva, nos quais o sagrado se materializa através das experiências compartilhadas pelos grupos sociais. Quando ocorreu a 2º aparição a cruz surgiu em um ponto de suas terras, tornando aquele ponto, local definitivo das aparições que aconteceram durante 44 anos em 5 datas anuais, sendo elas: 6 de janeiro, 11 de fevereiro, quarta-feira de cinzas, 3 de maio e 14 de setembro (Nossa Senhora..., s.d.).

A cruz existe até hoje, e durante os anos de perseguição da igreja, entre os anos de 1940 a fins de 1950 foi destruída 5 vezes, e na 4º destruição por desafio de uma autoridade religiosa, ali surgiu a fonte d'água. Segundo Savacinski (2017), o crescimento da devoção ocorreu de forma progressiva e fora dos mecanismos oficiais da Igreja, sendo sustentado principalmente

pela participação popular, pelas narrativas de milagres e circulação de romeiros vindos de diferentes localidades da região. Atendida por Deus no pedido que fez na enfermidade, novamente segundo relatos de devotos e familiares, no tempo quaresmal aparecia em seu corpo as chagas de Jesus Cristo, sendo que na sexta-feira Santa "morria" até "ressuscitar" no domingo de Páscoa, às 6 horas da manhã, isso lhe causou muita perseguição, apedrejamento e até uma circular da Igreja comunicando sua excomunhão.

Os episódios ligados às chagas corporais atribuídas à agricultora, bem como os relatos de perseguição sofridos, reforçaram entre os fiéis a percepção de sua proximidade com o divino. Conforme argumenta Bourdieu (2005), fenômenos religiosos dessa natureza inserem-se em disputas simbólicas no interior do campo religioso, especialmente quando práticas populares passam a desafiar os limites de legitimidade definidos pelas instituições oficiais. Ainda segundo relatos, durante as aparições Nossa Senhora alertava o povo através da agricultora Dorothéa Menegon Farina, sendo que ela escrevia com seu próprio punho em folhas de papel. Seus diários encontram-se guardados e protegidos no Santuário. Em 1945 ela alertava para o perigo das drogas e que muitos jovens destruiriam suas vidas e de suas famílias por causa do vício. Outro alerta que fazia, era sobre o mal que a TV traria às famílias, e que elas perderiam os valores e princípios: do matrimônio, da fidelidade e da reza do terço na família. Na década de 50 Nossa Senhora alertava através de D. Dorothea, para castigos que viriam tais como: transbordamentos dos mares e rios, o surgimento de pestes nos animais e insetos dos quais os humanos seriam acometidos (Nossa Senhora..., s.d.).

Dorotéia Menegon Farina doou ainda em vida parte dos bens que a família possuía, parte da terra, casa com móveis, roupas, e muitos outros pertences, pedindo em troca que construíssem um santuário nas terras doadas, simples, sem fechaduras, com mão de obra espontânea em forma de mutirão, os recursos doados livremente pelos devotos, sem comércio. E hoje os bens imóveis estão em escritura pública no nome da mitra diocesana. Orientados por D. Dorothéa formou-se com uma comissão para organizar todos os trabalhos: abertura da estrada de acesso ao monte, terraplanagem e a construção. Ainda hoje baseadas nas suas orientações, exemplos e em escritos deixados por ela, voluntariamente o povo em forma de mutirão mantém o local organizado e fazendo pequenas melhorias. Em 1987 acometida de câncer, no mês de agosto passou toda a responsabilidade ao povo leigo entregando ao senhor Jandir Picoli todas as orientações, as mensagens de Nossa Senhora da Santa Cruz escritas em próprio punho, e nesses dias previu sua morte. (Nossa Senhora..., s.d.).

No dia 3 de maio de 1988 aconteceu a última aparição de Nossa Senhora à D. Dorothéa que faleceu no dia 28 de maio do mesmo ano. Ela nunca pôde participar de uma missa oficial

no local, pois a 1ª só foi celebrada no dia 25 de fevereiro de 1994, quando se completaram 50 anos das aparições, neste dia foi trazida a imagem de Nossa Senhora, e hoje a visita ao local por devotos, famílias e pequenos grupos de romeiros é constante e diária, mas é nas datas que se recordam as aparições que há grande presença de fiéis. As datas são as seguintes: 06 de janeiro, 11 de fevereiro, 4ª feira de cinzas, 03 de maio e 14 de setembro, que ficou marcado como dia mundial da exaltação à cruz com romaria, sendo que a 1ª foi realizada no ano de 1988 com celebração e caminhada coordenadas pelos leigos e assim foi até a realização da 6ª romaria em 14 de setembro de 1993.

Figura 7 - A cruz no chão e a estatueta do Santuário



Fonte: Acervo da autora (2026).[5]

Em 1994 realizou-se a 7ª romaria com missa celebrada pelo padre Luis Walker pároco da catedral e concelebrada por diversos sacerdotes com a bênção no santuário. Nota-se que a fé do povo cresce a cada dia, e todos os anos no dia 14 de setembro realiza-se a romaria com milhares e milhares de romeiros que testemunham sua fé e ação de graças (por graças alcançadas), até mesmo testemunho de padres.

Assim sendo, esse cenário devocional em torno de Dorothéa Menegon Farina deixa claro a constituição de um poder sagrado de matriz popular. Nesse processo, elementos fundamentais como o sofrimento físico, a aceitação das perseguições e a doação integral de seus bens materiais legitimam sua experiência religiosa perante a comunidade. Essa trajetória de provação e entrega não permanece abstrata, mas ganha corpo e se consolida definitivamente com a posterior edificação do santuário. Conforme analisa Maisa Savacinski (2017, p. 65), ao investigar a materialização dessa devoção no espaço geográfico regional, a fixação de um local

[5] Segundo relatos a cruz que se encontra no chão se mantém assim, sem nunca crescer grama ou qualquer outro produto nela. Réplicas em miniatura da estátua são distribuídas gratuitamente aos devotos que se dirigem até lá.

de culto e peregrinação opera como a validação comunitária do fenômeno, onde "o espaço geográfico é transfigurado pelo sentimento de pertença e fé dos romeiros, transformando o santuário no centro ordenador da memória coletiva e da eficácia simbólica atribuída às práticas de Dorothéa". Portanto, o espaço físico da igreja e os elementos que o circundam amplia e eterniza a santidade popular construída ao longo de décadas, até os dias atuais.

3.1.2 O Santuário e a construção de uma santidade popular.

Localizado a 20 km de Erechim, em um bairro rural “Lageado Paca”, zona pacata, com muitos agricultores, estrada asfaltada, mas com muitas curvas, a região é cercada por montanhas com vastas florestas e campos com gramados verdes. A construção da igreja iniciou-se após a morte de Dorothea. Lá se rezam missas pelos padres nas datas comemorativas das aparições. E hoje é intitulada pela Igreja local como Santuário da Santa Cruz; a fonte de água considerada milagrosa e as pegadas no chão em frente à entrada da residência de Dorotthéa; o monte onde encontra-se a igreja; as pedras “com sinais não decifrados”; a natureza; e o percurso de peregrinação. Tudo isso transforma o espaço em um “território sagrado".

Figura 8 - Tanque onde há a fonte e parte da trilha de pegadas



Fonte: Acervo da autora (2026).[6]

Ademais, a constituição de práticas devocionais no interior do Rio Grande do Sul, ao longo do século XX, esteve vinculada às dinâmicas sociais específicas, nas quais elementos da religiosidade católica institucional conviveram com formas de crenças elaboradas no cotidiano das populações rurais (Pesavento, 2002). Para tanto, a devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz, associada à figura de Dorothéa Menegon Farina, emerge em meio a um ambiente marcado pela

[6] A primeira figura é o tanque onde segundo relatos deu-se a primeira aparição e onde surgiu uma fonte de água pura. A figura ao lado é a trilha de pegadas onde também segundo relatos nada nasce onde há pegadas.

presença de comunidades de origem europeia, pela valorização da vida comunitária e pela circulação de práticas religiosas que nem sempre se ajustavam aos parâmetros definidos pela hierarquia eclesiástica (Savinski, 2015; Ramos, 2008).

Dorothéa Menegon Farina insere-se neste cenário como uma mulher ligada ao meio rural, cuja trajetória se desenvolveu em estreita relação com práticas religiosas cotidianas. A organização da vida familiar, o trabalho no campo e a participação em rituais católicos compunham um universo no qual a fé ocupava lugar constante, ainda que nem sempre mediado diretamente pelas instituições formais. Esse tipo de inserção social favorecia a construção de experiências religiosas que articulavam tradição, necessidade prática e interpretação pessoal dos acontecimentos (Savacinski, 2017).

A partir de determinado momento de sua vida, episódios ligados à sua saúde passaram a ser interpretados à luz de significados religiosos. O sofrimento físico, longe de ser compreendido apenas como condição orgânica, passou a ser associado às dimensões espirituais, em um processo que dialoga com práticas recorrentes no catolicismo popular. A busca por cura, envolvia tanto recursos médicos quanto orações, promessas e outros gestos de devoção, indicando a coexistência de diferentes formas de lidar com a doença (Savacinski, 2017; Nossa Senhora..., s.d.).

A trajetória de Dorothéa Menegon Farina pode ser compreendida a partir de um encadeamento que articula sofrimento, milagre e formação de uma devoção coletiva. Inicialmente, os episódios de dor física e fragilidade corporal foram interpretados no âmbito individual e familiar, porém, à medida que tais experiências passaram a ser associadas a significados religiosos, ocorreu um processo de ressignificação que ultrapassou o plano privado. Nesse processo de ressignificação do sofrimento, a literatura sobre o caso destaca o papel central dessas experiências na construção da devoção. Conforme aponta Maisa Savacinski (2017, p. 64),

> [...] os episódios de sofrimento vivenciados por Dorothéa foram progressivamente reinterpretados pelos fiéis como sinais de eleição divina, sendo suas dores compreendidas como expressão de um vínculo privilegiado com o sagrado. A partir desse momento, as narrativas de cura e de intervenção sobrenatural passaram a circular com maior intensidade, contribuindo para a construção de sua imagem como mediadora entre o humano e o divino.

Neste viés, o sofrimento deixa de ser apenas uma experiência individual e passa a operar como fundamento simbólico para a atribuição de milagres, os quais, por sua vez, alimentam a expansão da devoção. A divulgação dessas narrativas entre os fiéis fortaleceu a crença na

eficácia de sua intercessão, promovendo a formação de uma rede de devotos que, por meio de visitas, promessas e agradecimentos, consolidaram a devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz como prática coletiva enraizada no espaço regional (Savacinski, 2017; Nossa Senhora..., s.d.). O jornal Voz da Serra, em abril de 1956 (n.p.), informou:

> Dona Dorothéa reside no município de Erechim, porém neste ano, a pedido das autoridades eclesiásticas, transportou incógnita para Supopema, onde reside um seu irmão, a fim de evitar curiosidade pública. Mas foi em vão, porque foi localizada, e a afluência popular foi enorme, de todos os municípios vizinhos.

O trecho evidencia que, já neste momento, a devoção havia ultrapassado o controle institucional, indicando a força da mobilização popular em torno da figura de Dorothéa. O relato de uma cura considerada extraordinária marca um ponto de inflexão na trajetória de Dorothéa. A interpretação desse episódio como milagre não se limita à experiência individual, mas passa a ser compartilhada por pessoas próximas, o que contribui para a ampliação de sua repercussão. A atribuição de sentido religioso a esse acontecimento favorece à construção de uma narrativa que associa Dorothéa a uma forma específica de mediação com o sagrado, ainda que essa mediação não estivesse reconhecida oficialmente pela Igreja (Savacinski, 2017; Nossa Senhora..., s.d.; Molozzi, 2017).

A partir desse momento, outros sinais passam a ser associados à figura de Dorothéa, incluindo marcas corporais e experiências que foram interpretadas como manifestações de caráter sobrenatural (Savacinski, 2017; Nossa Senhora..., s.d.). Esses elementos, longe de constituírem apenas relatos isolados, ganham consistência na medida em que são reiterados e compartilhados no interior da comunidade. Tal processo contribui para a formação de um conjunto de crenças que passa a sustentar a ideia de uma presença divina atuante naquele espaço (Pesavento, 2002; Savinski, 2015).

Paralelamente, estabelece-se um local específico de devoção, identificado pela presença de uma cruz no espaço doméstico de Dorothéa (Savacinski, 2017). Esse elemento material adquire significado simbólico, funcionando como ponto de convergência para práticas religiosas. A constituição desse espaço não depende inicialmente de reconhecimento institucional, mas se consolida a partir da frequência de visitantes e da repetição de rituais, como orações e pedidos de intercessão (Isaia, 2017).

O fluxo de pessoas em direção ao local contribui para a ampliação da devoção, que deixa de estar restrita ao círculo imediato de convivência de Dorothéa. A circulação de relatos sobre curas e graças alcançadas fortalece a credibilidade do fenômeno entre os devotos, ao mesmo

tempo em que amplia sua visibilidade no espaço regional. Esse movimento ocorre de forma gradual, articulando experiências individuais e expectativas coletivas (Savinski, 2015).

A formação de uma devoção coletiva, neste caso, não resulta de um planejamento institucional, mas de um processo social que envolve a troca de narrativas, a observação de práticas e a construção de confiança entre os participantes. A repetição de visitas, promessas e agradecimentos contribui para consolidar um repertório de ações que passa a caracterizar a devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz, vinculada à figura de Dorothéa (Isaia, 2017).

Nesse estágio inicial, a devoção apresenta características associadas ao meio rural em transformação. Ao mesmo tempo em que a região experimentava mudanças econômicas e sociais, práticas religiosas desse tipo mantinham formas de sociabilidade baseadas na proximidade, na oralidade e na partilha de experiências (Savinski, 2015; Isaia, 2017).

Nota-se que a figura de Dorothéa, neste âmbito, passa a ser associada à ideia de cuidado e proteção, configurando uma referência para aqueles que buscavam respostas para questões do cotidiano por meio da fé. Essa associação entre Dorothéa e práticas de cuidado, proteção e intercessão contribuiu para a constituição de narrativas sobre sua trajetória que ultrapassaram a memória familiar e comunitária, passando a organizar formas específicas de interpretar sua vida e suas experiências religiosas.

Nesse movimento, episódios cotidianos, sofrimentos, experiências consideradas extraordinárias e relatos de devoção passaram a ser reunidos em narrativas que aproximam sua trajetória de construções tradicionalmente associadas às vidas de pessoas vinculadas ao sagrado. A hagiografia constitui um gênero literário voltado à narrativa da vida de indivíduos relacionados ao sagrado, incluindo santos, mártires, profetas e outras figuras religiosas (Gomes, 2014).

Sua origem remete aos escritos produzidos para registrar trajetórias consideradas exemplares dentro das tradições cristãs, embora, ao longo do tempo, esse tipo de narrativa também tenha adquirido interesse historiográfico por permitir compreender costumes, sensibilidades e formas de pensamento de diferentes contextos históricos. Mais do que registrar acontecimentos, textos dessa natureza organizam experiências e selecionam episódios que atribuem sentido religioso à determinadas trajetórias, transformando vivências individuais em referências compartilhadas socialmente (Silveira, 1995). Segundo Silveira (1995, p. 11):

> Santo ou sagrado significa em grego “ágios”. Devido ao acento aspirado da letra a, como o h inicial do alemão, em português se escreve hagios. A vida de

> um santo é hagio-grafia, escrito sagrado ou sobre o sagrado ou santo. A Bíblia é por excelência uma história sagrada. Por isso, os autores de seus vários livros não se denominam historiadores, mas hagiógrafos. Assim se chamam também, na Antiguidade cristã e na Idade Média, os que escreveram a Vida de um santo.

No caso de Dorothéa, a circulação de relatos sobre sofrimento, cura, sinais corporais, mensagens religiosas e dedicação à comunidade aproxima sua trajetória deste tipo de construção narrativa. Trata-se, contudo, de uma configuração particular do sagrado, produzida a partir da experiência de uma mulher rural, mãe e esposa, inserida em um contexto de trabalho familiar, baixa escolarização formal e forte presença da religiosidade cotidiana.

A associação entre essas características e a formação da devoção permite observar como representações do sagrado podem emergir fora dos espaços institucionais tradicionais, articulando experiências femininas, práticas comunitárias e formas populares de religiosidade que permanecem ativas mesmo diante das transformações sociais ocorridas no meio rural.

3.2 DISPUTA PELO SAGRADO, RESISTÊNCIA INSTITUCIONAL E CONSOLIDAÇÃO DA DEVOÇÃO

O crescimento da devoção associada à Dorothéa Menegon Farina produziu efeitos que ultrapassam o espaço doméstico onde se originou, passando a mobilizar um número cada vez maior de pessoas. As ampliações das visitas ao local da cruz, bem como a circulação de relatos de curas e graças alcançadas, contribuíram para que o fenômeno adquirisse visibilidade em Erechim e em localidades próximas (Nossa Senhora..., s.d.). Esse movimento, ainda que sustentado por práticas cotidianas e pela oralidade, começou a chamar a atenção de diferentes instâncias sociais, incluindo autoridades religiosas e agentes ligados à imprensa (Savacinski, 2017).

Diante a este cenário, a Igreja Católica manifestou resistência em relação à devoção. A ausência de reconhecimento oficial das experiências atribuídas à Dorothéa, somada à forma como essas práticas se desenvolveram fora dos canais institucionais, levou à adoção de uma postura de desconfiança. A interpretação de tais manifestações como possíveis desvios doutrinários aparece vinculada à preocupação com a manutenção de limites considerados legítimos no campo religioso, especialmente no que se refere à definição do que poderia ou não ser reconhecido como milagre ou manifestação divina (Savacinski, 2017; Nossa Senhora..., s.d.).

Essa resistência não se restringiu a posicionamentos gerais, mas envolveu ações concretas de investigação e tentativa de controle. A trajetória de Dorothéa passou a ser

observada por representantes da Igreja, que buscavam compreender a natureza dos acontecimentos relatados. Com isso, aspectos de sua vida pessoal, suas práticas religiosas e os episódios associados à devoção foram submetidos a análise, muitas vezes com o objetivo de desacreditar a legitimidade das experiências narradas pelos devotos (Molozzi, 2017; Savacinski, 2017).

Paralelamente, discursos de caráter médico também foram mobilizados como forma de explicar os fenômenos associados à Dorothéa. A tentativa de enquadrar suas experiências como resultado de condições físicas ou psicológicas indica a presença de uma disputa por interpretações consideradas válidas. Ao recorrer a esse tipo de explicação, crescia a ideia de que os acontecimentos poderiam ser compreendidos fora do âmbito religioso, o que contribuía para fragilizar a credibilidade da devoção entre determinados grupos (Savacinski, 2017; Nossa Senhora..., s.d.).

A imprensa local e regional passou a atuar como espaço de circulação dessas diferentes interpretações.

> A imprensa deve ser compreendida como um agente ativo na construção da realidade social, uma vez que não apenas divulga informações, mas seleciona, organiza e atribui sentidos aos acontecimentos, influenciando diretamente as formas de percepção e interpretação do público leitor. (De Luca, 2011, p. 47-48).

As notícias, reportagens e comentários publicados contribuíram para ampliar o alcance do caso, ao mesmo tempo em que introduziram novas camadas de sentido à devoção (Savacinski, 2017; Nossa Senhora..., s.d.). A forma como o fenômeno era apresentado nos jornais influenciava a maneira como ele era percebido pelo público, ora enfatizando aspectos considerados extraordinários, ora destacando posições críticas em relação às práticas associadas à Dorothéa (De Luca, 2011; Barbosa, 2012).

Conforme os registros guardados pelo acervo do Santuário, as perseguições da Igreja Católica sofridas por Dorothéa não ficavam apenas nos discursos de descrença, mas atingiam diretamente sua integridade física e moral. Relatos biográficos apontam que, após o restabelecimento de sua saúde e a difusão dos fenômenos místicos em 1944, Dorothea enfrentou severas investidas e injúrias que visavam deslegitimar a sacralidade de sua experiência. Seu corpo converteu-se no primeiro lugar dessa disputa: ao manifestar estigmas e sofrimentos quaresmais que ela mesma havia aceitado em voto espiritual, segundo seus relatos, a Igreja buscou enquadrar tais manifestações sob diagnóstico cliníco de loucura, histeria, fraude,

chegando a coloca-la em isolamento e vigilância rigorosa de clérigos enviados para examinar a veracidade e a sanidade da agricultora, numa clara tentativa de conter a devoção que se iniciava de romeiros que cada vez mais se dirigiam a Lageado Paca. (Nossa Senhora..., s.d.). Segundo Michel Foucault, essa dinâmica de perseguição e cerceamento evidencia o funcionamento dos dispositivos do poder disciplinar e os mecanismos de exclusão empregados pelas instituições de saber-poder. Quando uma experiência mística popular brota fora das margens oficiais do clero, ela põe em risco a economia da verdade institucionalizada. O corpo estigmatizado de Dorothéa, portanto, passa a ser alvo de uma tecnologia política de assujeitamento, onde o exame clerical rigoroso tenta traduzir o milagroso em "desvio" ou "anomalia". Ao vigiar, punir simbolicamente com a negação inicial dos sacramentos e tentar silenciar os relatos das aparições, a estrutura eclesiástica acionou defesas para salvaguardar o que Pierre Bourdieu classifica como o monopólio legítimo dos bens de salvação. Contudo, as resistências exercidas pela agricultora e a apropriação feita pela comunidade local reconfiguraram essas forças, transformando o espaço da sujeição e da injúria no próprio monumento de consagração e memória que hoje sustenta o Santuário.

Assim, a disputa pelo reconhecimento do fenômeno pode ser compreendida como parte de um processo mais amplo de definição de legitimidade no campo religioso.

> O campo religioso é o espaço onde se enfrentam agentes e instituições em luta pelo monopólio da gestão dos bens de salvação, isto é, pela definição legítima do que deve ser considerado como prática religiosa válida. Essa disputa envolve não apenas crenças, mas também a autoridade de consagrar, interpretar e organizar o sagrado (Bourdieu, 2005, p. 88-89).

A coexistência de interpretações distintas, algumas favoráveis e outras contrárias à devoção, aponta a existência de tensões entre formas de religiosidade que não se organizam da mesma maneira. Enquanto a devoção se estruturava a partir da experiência dos fiéis, a Igreja buscava manter critérios próprios para validar manifestações consideradas autênticas (Bourdieu, 2005; Isaia, 2017).

Apesar das tentativas de controle, a devoção continuou a se expandir. A presença constante de fiéis no local, a repetição de práticas devocionais e a permanência dos relatos de graças alcançadas contribuíram para a consolidação do fenômeno. Esse processo ocorreu de forma gradual, sustentado por redes de sociabilidade que ampliaram a confiança entre os participantes e garantiram a continuidade das práticas (Savacinski, 2017).

Ao mesmo tempo, a devoção passou a dialogar com transformações mais amplas no meio rural. A redução da centralidade das atividades agrícolas e as mudanças nas formas de organização social não impediram a permanência de práticas religiosas vinculadas à tradição. Dessa maneira, a figura de Dorothéa continuou a ser associada à ideia de cuidado, especialmente entre aqueles que mantinham vínculos com o espaço rural ou que buscavam (Savacinski, 2017), na devoção, uma forma de lidar com incertezas do cotidiano (Savinski, 2015).

A consolidação da devoção, portanto, não resultou da ausência de conflitos, mas de sua continuidade mesmo diante de resistências. A permanência das práticas e a ampliação do número de devotos indicam que, apesar das tentativas de deslegitimação, a devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz conseguiu se afirmar como referência religiosa em Erechim e região, abrindo caminho para processos posteriores de reorganização e possível aproximação com a própria Igreja Católica.

A continuidade da devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz, associada à figura de Dorothéa Menegon Farina, impôs à Igreja a necessidade de rever sua postura inicial. As tentativas de deslegitimação não resultaram na interrupção das práticas, que se mantiveram ativas e ampliaram seu alcance ao longo do tempo. A permanência de fiéis no local, somada à repetição de rituais e à circulação constante de narrativas sobre graças alcançadas, contribuiu para consolidar a devoção como parte da vida religiosa regional, o que dificultou sua exclusão do universo católico (Savacinski, 2017; Isaia, 2017; Nossa Senhora..., s.d.).

3.2.1 Estratégias institucionais de controle do sagrado

A resistência da Igreja Católica frente à devoção associada à Dorothéa Menegon Farina não pode ser compreendida apenas como reação pontual a um fenômeno específico, mas deve ser situada em um contexto mais amplo de estratégias institucionais voltadas à manutenção do controle sobre o campo religioso. Pois, ações que envolvem a reorganização de espaços, práticas e símbolos religiosos constituem mecanismos importantes de afirmação de autoridade. Um exemplo significativo pode ser observado no caso da demolição da Igreja Matriz de Erechim, analisada por Ana Paula Prilla Molozzi (2017), no qual decisões institucionais interferiram diretamente na configuração material e simbólica do espaço religioso. Ainda que não esteja diretamente vinculada à devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz, tal episódio evidencia a capacidade da Igreja de intervir sobre estruturas consolidadas, redefinindo referências religiosas e reorganizando práticas de fé conforme seus próprios critérios.

Essa perspectiva permite compreender que a resistência às manifestações associadas à Dorothéa não se limitava à desconfiança em relação a possíveis desvios doutrinários, mas integrava um conjunto mais amplo de estratégias voltadas à preservação do monopólio da legitimidade religiosa. Como destaca Pierre Bourdieu (2005), o campo religioso é marcado por disputas em torno da definição do que pode ser reconhecido como prática legítima, o que implica a constante atuação de instituições na tentativa de regular e enquadrar experiências consideradas heterodoxas. É nesta perspectiva de disputas por legitimidade e de atuação institucional que se torna possível compreender de forma mais aprofundada as reações da Igreja diante da devoção em torno de Dorothéa Menegon Farina.

Logo, observa-se uma mudança gradual na forma como a Igreja passou a lidar com o fenômeno. Em vez de uma oposição direta, passaram a ocorrer movimentos de aproximação, ainda que marcados por cautela. Esse processo não implicou reconhecimento pleno das experiências atribuídas à Dorothéa, mas indicou uma tentativa de enquadrar a devoção dentro de práticas consideradas aceitáveis. Tal movimento pode ser compreendido como uma estratégia de reorganização interna, voltada à incorporação de manifestações que já possuíam forte adesão popular.

A institucionalização da devoção também se expressa na organização do espaço religioso. A consolidação do local como ponto de peregrinação, com estruturas voltadas ao acolhimento dos fiéis (Savacinski, 2017; Nossa Senhora..., s.d.), indica uma transformação significativa em relação ao momento inicial, quando as práticas estavam restritas ao ambiente doméstico. A presença mais organizada de celebrações e a definição de rituais contribuem para a estabilização da devoção, ao mesmo tempo em que a aproximam de formas reconhecidas pelo catolicismo (Bourdieu, 2005; Bourdieu, 2013).

A manutenção da devoção envolve ainda interesses que ultrapassam o campo estritamente religioso. A circulação de pessoas, a realização de eventos e a visibilidade do local produzem efeitos sociais e econômicos, mobilizando diferentes agentes. A presença de autoridades locais e a associação da devoção a elementos de identidade regional indicam que o fenômeno passa a ser integrado a outras dimensões da vida pública, ainda que preserve características vinculadas à experiência religiosa (Savinski, 2015; De Luca, 2011).

A devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz pode ser compreendida como resultado de um processo de negociação contínua entre práticas populares e instâncias institucionais. A permanência de elementos associados à experiência inicial, como a centralidade da figura de Dorothéa e a valorização das narrativas de graça, convive com formas mais organizadas de

culto (Bourdieu, 2005; Bourdieu, 2013), demonstrando a adaptação da devoção a diferentes demandas ao longo do tempo (Savacinski, 2017; Isaia, 2017).

A consolidação dessa devoção, portanto, não elimina as tensões que marcaram sua origem, mas indica a capacidade de acomodação entre diferentes formas de religiosidade (Bourdieu, 2005; Savinski, 2015). A incorporação parcial por parte da Igreja, aliada à continuidade do engajamento dos fiéis, contribui para a permanência do fenômeno no espaço público, mantendo ativa uma prática que articula tradição, experiência cotidiana e reorganização institucional.

A permanência dessa devoção também está relacionada à maneira como experiências de sofrimento passaram a ocupar lugar importante na construção da imagem pública de Dorothéa. Episódios associados à doença, às dificuldades enfrentadas ao longo da vida e às experiências interpretadas como extraordinárias foram incorporados às narrativas produzidas pelos devotos, contribuindo para atribuir significado religioso à sua trajetória.

Em contextos de religiosidade popular, o sofrimento frequentemente aparece associado a ideias de sacrifício, provação e aproximação com o sagrado, tornando-se parte constitutiva das formas pelas quais determinadas figuras passam a ser reconhecidas coletivamente (Fiori; Sangenis, 2022).

A trajetória individual deixa de ser percebida apenas como experiência pessoal e passa a ser reinterpretada a partir de categorias religiosas compartilhadas socialmente. O sofrimento vivido, narrado e transmitido entre os fiéis participa da elaboração de sentidos que sustentam a devoção, pois permite aproximar a experiência de Dorothéa das trajetórias tradicionalmente vinculadas à santidade popular e às figuras consideradas intermediárias entre o humano e o divino. A repetição dessas narrativas contribui para consolidar formas específicas de memória religiosa, nas quais sofrimento e devoção aparecem articulados (Silveira, 1995; Gomes, 2014).

Essa dinâmica aproxima-se das construções hagiográficas na medida em que determinados episódios da vida passam a receber maior atenção, enquanto outros são reorganizados ou ressignificados para compor uma narrativa coerente sobre a relação entre a personagem e o sagrado. Mais do que registrar acontecimentos, essas narrativas organizam experiências, selecionam memórias e produzem sentidos compartilhados acerca da trajetória de Dorothéa, ampliando sua permanência no imaginário religioso local (Silveira, 1995; Gomes, 2014).

A circulação dessas narrativas não ocorreu apenas por meio da oralidade ou das práticas devocionais. A imprensa também participou ao registrar acontecimentos, divulgar informações sobre o fenômeno religioso e colocar em circulação interpretações sobre Dorothéa e sobre a

própria devoção. Ao transformar acontecimentos locais em conteúdo noticioso, os jornais contribuíram para ampliar a visibilidade pública do caso e interferiram na forma como ele passou a ser conhecido regionalmente (De Luca, 2011).

Assim, os periódicos não constituem apenas fontes de informação sobre a devoção, mas espaços nos quais diferentes representações sobre Dorothéa foram produzidas, disputadas e difundidas. A forma como episódios específicos foram selecionados, os termos empregados nas notícias e os enquadramentos utilizados ajudam a compreender como sua trajetória foi sendo publicamente construída ao longo do tempo, especialmente em um contexto marcado por disputas em torno da legitimidade religiosa (Savinski, 2015).

A observação dessas representações nos jornais permite compreender de que maneira a imprensa participou da elaboração biográfica de Dorothéa, atuando não apenas como registro dos acontecimentos, mas como espaço de circulação de sentidos sobre sofrimento, religiosidade e devoção popular. Por fim, a trajetória individual, transformada em narrativa pública, ultrapassa o âmbito privado e passa a integrar disputas mais amplas sobre memória, fé e reconhecimento social.

4 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DA SANTIDADE DE DOROTHÉA MENEGON FARINA: JORNAIS, MATERIALIDADE E DEVOÇÃO NO SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA SANTA CRUZ

Nos capítulos anteriores, foi possível entender o contexto histórico da vida de Dorothéa Menegon Farina, além de observar as mudanças na religiosidade popular no norte do Rio Grande do Sul e como experiências com o sobrenatural passaram a compor a cultura religiosa da região. A partir de uma revisão bibliográfica e do entendimento do contexto histórico, percebeu-se que a devoção à Dorothéa vai além de sua história pessoal, integrando um processo mais amplo de construção simbólica da devoção popular, o que envolveu diferentes indivíduos, instituições e práticas sociais que ajudaram a formar uma memória coletiva que ainda é viva nos dias atuais.

No entanto, para compreender por que essa devoção permanece, é necessário olhar além da figura de Dorothéa e focar nos mecanismos que garantem a preservação e transmissão de sua memória. Assim, este capítulo busca analisar como o Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz organiza e apresenta uma narrativa sobre Dorothéa Menegon Farina por meio da seleção de objetos, fotografias, documentos, recortes de jornais e espaços de memória. Esses elementos formam um percurso narrativo destinado aos visitantes. Mais do que apenas preservar vestígios do passado, o santuário atua como um agente que produz significados, estruturando uma interpretação específica da trajetória de Dorothéa e ajudando a consolidar sua imagem como uma figura importante na religiosidade regional.

Essa visão permite entender que a memória não é apenas uma reprodução fiel dos eventos históricos. Na verdade, ela resulta de processos contínuos de seleção, organização e reinterpretação do passado, nos quais certos fatos são destacados enquanto outros ficam em silêncio. Como aponta Jacques Le Goff (1990), a memória é um fenômeno que está sempre sendo reconstruído pelas sociedades, estando intimamente ligado às disputas sobre a preservação do passado e a construção das identidades coletivas. Nessa perspectiva, documentos, monumentos, objetos e espaços preservados não devem ser vistos apenas como testemunhos históricos, mas como elementos que refletem escolhas, interesses e formas específicas de representar acontecimentos passados.

Com base nisso, o Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz deixa de ser visto apenas como um local de prática religiosa para se tornar um espaço de construção da memória. A disposição dos ambientes, a conservação da residência de Dorothea, a exibição de seus objetos pessoais, os recortes de jornais cuidadosamente organizados, as fotografias históricas, os

depoimentos de fiéis e os elementos devocionais presentes ao longo do percurso, formam um conjunto documental que vai além da simples função informativa. Esses elementos juntos criam uma narrativa histórica capaz de orientar o visitante sobre como interpretar a trajetória de Dorothea. Lembra o conceito de Lugar de Memória de Pierre Nora, em que história e memória se tencionam na lógica de constituição de projetos de identidades:

> Os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode se apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica. (NORA. 1993, p. 21)

A abordagem metodológica adotada neste capítulo parte exatamente da análise dessa materialidade. Em vez de tentar comprovar a autenticidade dos fenômenos religiosas atribuídos à Dorothea, ou reconstruir sua biografia com detalhes, a intenção desta pesquisa é entender como essa narrativa foi sendo reinterpretada continuamente e integrada à memória coletiva através da concepção do santuário como lugar de memória (Nora, 1993). Portanto, o foco desloca-se da personagem para os mecanismos sociais responsáveis pela formação de sua memória, considerando o patrimônio religioso como um elemento ativo na construção de histórias sobre o passado.

A documentação analisada mostra que a construção dessa memória não ocorreu de forma linear ou unânime. Ao longo dos anos, diferentes interpretações disputaram espaço em relação à figura de Dorothea. Enquanto parte da imprensa local destacava os as supostas experiências místicas e relatos de cura ligados à sua história, outros registros apresentavam opiniões contrárias, classificando tais eventos como fraudes, manifestações de histeria ou doenças. Da mesma forma, membros da Igreja Católica, como já mencionado, tiveram posições variadas ao longo do tempo, passando de momentos de desconfiança e rejeição para uma aceitação gradual da devoção popular dentro do espaço religioso institucionalizado.

A variedade de interpretações mostra que a vida de santo é um projeto identitário em disputa. Logo, Renan Mattos e Artur Isaia, ao tratarem de biografias de vultos do espiritismo, acenam para a constituição de,

> [...] uma da escrita biográfica, que projeta celebrar, fundar memórias e identidades (BOURDIEU, 1996). Neste sentido, homens, mulheres e instituições frequentam o

> projeto nomeador da realidade vislumbrado por Bourdieu, tentando demarcar sentidos e servirem como referenciais mnemônicos que se querem coletivos. [...] Entre a hagiografia medieval e os grandes homens do século XIX, deparamo-nos com a noção de exemplaridade, de uma vida doada à caridade, ao amor ao próximo (2015, p. 71)

Diante disso, entende-se ainda que a vida de Dorothéa constitui uma dimensão em que o sagrado e as disputas religiosas no campo religioso Erechinense articulam-se no sentido de ritualização e organização de uma vida de santo. De tal maneira, que, a análise do material preservado no santuário evidencia exatamente esse movimento, indicando que a memória de Dorothéa resulta da interação entre devoção popular, imprensa, patrimônio religioso e atuação institucional da Igreja.

Outro ponto importante refere-se à conexão entre memória e materialidade. A continuidade da devoção não depende apenas da transmissão oral ou das práticas religiosas realizadas pela comunidade. Ela também é sustentada por objetos concretos que representam essa memória: o quarto onde Dorothéa viveu, a cama preservada, as fotografias exibidas, os jornais emoldurados, os depoimentos escritos de fiéis, os espaços destinados à oração, as cruzes, as fitas votivas e outros elementos presentes no santuário. Cada um desses itens funciona como um suporte material da lembrança, possibilitando que os visitantes tenham uma relação direta com uma narrativa histórica previamente organizada.

Nesse contexto, a documentação visual produzida durante a pesquisa de campo desempenha um papel fundamental nesta investigação. As fotos feitas no Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz não servem apenas como ilustrações, mas como fontes históricas capazes de revelar a organização espacial da memória, a seleção documental feita pelo santuário e a maneira como diferentes elementos patrimoniais são conectados para formar uma narrativa sobre Dorothéa Menegon Farina. Ao longo deste capítulo, essas imagens serão analisadas juntamente com jornais, documentos e outras fontes históricas, permitindo entender de que forma patrimônio, memória e religiosidade popular se entrelaçam na formação da devoção atual.

4.1 O SANTUÁRIO COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

A análise do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz requer uma abordagem além de sua interpretação como um espaço dedicado exclusivamente às práticas religiosas. Nesta pesquisa, o santuário é visto como um lugar de memória, onde diversos suportes materiais como fotografias, objetos, documentos, recortes de jornais, ex-votos e a própria residência de

Dorothéa Menegon Farina se conectam na construção de uma narrativa histórica sobre a personagem. Essa visão desloca o foco da investigação da discussão sobre a veracidade dos fenômenos místicos atribuídos à Dorothéa para a compreensão dos processos sociais e históricos que criaram e continuam a moldar sua memória.

Assim, parte-se do entendimento de que a memória não é uma reprodução exata do passado, mas uma constante reconstrução. Segundo Le Goff (1990), a memória é um fenômeno social ligado às relações de poder, sendo continuamente selecionada, organizada e reinterpretada pelos grupos que a preservam. A história, por outro lado, difere da memória ao adotar uma postura crítica em relação às fontes, questionando os processos que levaram à permanência de certos acontecimentos e ao esquecimento de outros. Dessa forma, compreender a memória envolve analisar quem a produz, quais elementos são mantidos e quais interesses orientam essa preservação.

Essa reflexão adquire especial importância ao analisar a disposição espacial do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz. Durante a pesquisa de campo, constatou-se que o visitante é guiado por um trajeto onde ambientes, objetos e documentos formam uma sequência que conta uma história. A antiga residência de Dorothea, mantida como parte do complexo religioso, funciona como o primeiro elemento dessa narrativa. A conservação da estrutura original da casa, juntamente com os móveis, objetos pessoais e espaços utilizados por Dorothea, dá uma dimensão concreta à história apresentada pelo santuário, possibilitando ao visitante criar uma conexão direta entre o espaço e a figura histórica.

Figura 9 - Vista da residência de Dorothéa Menegon Farina

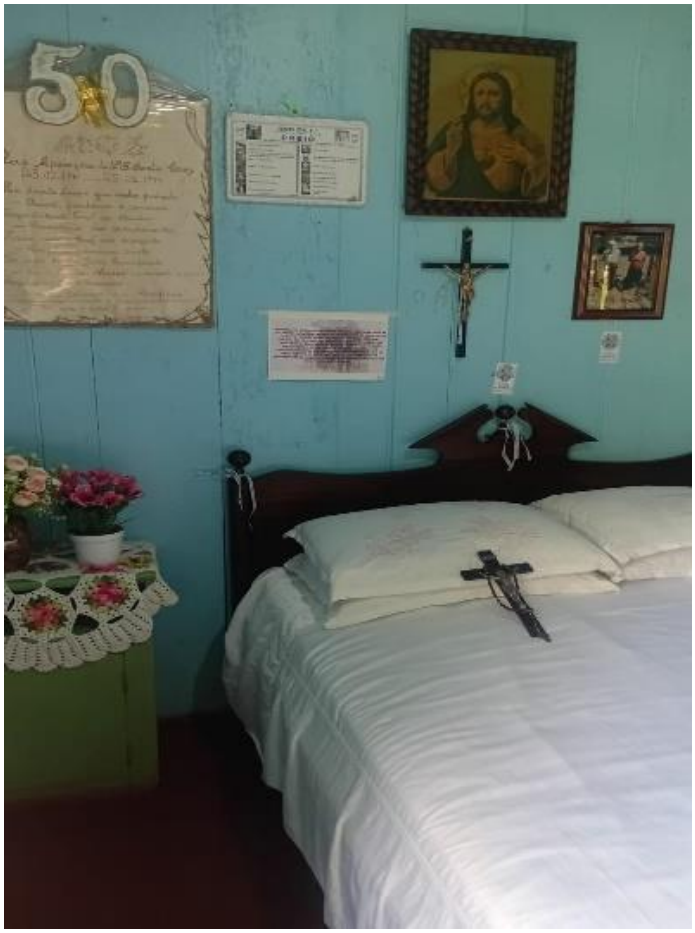


Fonte: Acervo da autora (2026).

A conservação da residência vai além de uma simples ação de preservação do patrimônio. Esses locais se tornam referências porque agrupam valores simbólicos compartilhados por um grupo social, atuando como pontos de conexão entre memória, identidade e patrimônio. A casa de Dorothéa deixa de ser apenas o lugar onde viveu e passa a representar um espaço de significado, no qual a experiência pessoal da personagem passa a fazer parte da memória coletiva da comunidade. Em certo sentido, atua como indício de uma história incomum, a comprovação da sua experiência de fé, de dor e de sofrimento.

A construção coletiva da memória se revela na seleção dos elementos que o santuário preserva. Percebe-se que os ambientes acessíveis ao público destacam aspectos específicos da trajetória de Dorothea, principalmente àqueles ligados ao sofrimento, à oração, ao silêncio e às expressões de devoção popular. A disposição do percurso expositivo mostra que o patrimônio conservado não representa toda a sua experiência de vida, mas sim os elementos considerados importantes para a narrativa elaborada pela instituição.

Figura 10 - Quarto de Dorothéa Menegon Farina



Fonte: Acervo da autora (2026).

A integridade do material preservado no santuário um dos exemplos é o quarto de Dorothea, é uma peça-chave, formando um conjunto documental que guia à compreensão do visitante. Não se trata de uma exibição neutra de fontes históricas, mas de uma narrativa estruturada, cuja disposição no espaço cria conexões entre os documentos e ajuda o público a entender a trajetória de Dorothéa sob uma determinada ótica.

Ao optar por certos objetos, preservar ambientes específicos e destacar alguns documentos como os murais com recortes de jornais e fotografias, como mostram as figuras 11, 12 e 13 em detrimento de outros, o Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz constrói uma narrativa própria, dando sentido à trajetória de Dorothéa Menegon Farina. Essa visão ajuda a entender que também os lugares de memória realizam operações de seleção e organização de materialidades, objetos que ora instituem a experiência religiosa, ora assumem o teor de uma narrativa de enfrentamento às acusações que fizeram parte da vida de Dorothéa.

Figura 11 - Imagens sacras preservadas



Fonte: Acervo da autora (2026).

Figura 12 - Fotografias antigas expostas no acervo



Fonte: Acervo da autora (2026).

A análise do santuário revela que sua relevância vai além do aspecto meramente religioso. O local funciona como um patrimônio cultural, onde memória, religiosidade popular e elementos materiais se interligam na criação de uma narrativa sobre a vida de Dorothéa que é constantemente ritualizada por práticas devocionais, visitas de peregrinos e a conservação do acervo documental.

Figura 13 - Reportagem sobre o fortalecimento da infraestrutura do Santuário



Fonte: Acervo da autora (2026).

De tal maneira, que a organização do Santuário indica a legitimação de narrativas em torno de Dorothéa e seu esforço de conciliação entre a vidente acusada de heresia e a vida devota à fé e a virgem Maria. Portanto, a casa, o mobiliário, a vida de Dorothéa expressa formas tanto de constituição da experiência religiosa quanto o esforço de comprovação da experiência religiosa vivida por uma mulher do interior. Os lugares das aparições, a cruz no gramado edificam uma história de dedicação, de humildade e de sofrimento que orbitam a lógica dos mártires e o regime da cidade de santa que se constrói nesse espaço de dor. Além disso, os jornais presentes no espaço da casa reforçam os mobiliários e a história de uma mulher diante de chagas e questionamentos de sua sanidade.

4.2 OS JORNAIS E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA SOBRE DOROTHÉA

A análise dos jornais conservados no acervo do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz revela que a imprensa teve um papel crucial na formação da memória de Dorothéa Menegon Farina. Mais do que simplesmente registrar eventos ligados à sua trajetória, esses periódicos ajudaram a divulgar narrativas que moldaram a percepção pública sobre sua vida, seu sofrimento e a crescente devoção popular em torno de sua figura. Com isso, os jornais se tornam

registros valiosos, não apenas por documentar certos acontecimentos, mas por mostrarem os processos de criação, circulação e fortalecimento de representações sociais.

Nos últimos anos, a historiografia passou a explorar de forma mais ampla o uso da imprensa como fonte de pesquisa. Enquanto antes os jornais eram vistos principalmente como registros de fatos ou ferramentas para estabelecer cronologias, a História Cultural passou a interpretá-los como produções discursivas inseridas em contextos específicos de produção. Como aponta Roger Chartier (2002), todo documento deve ser avaliado considerando as condições de sua produção, circulação e apropriação, pois o significado de um texto não está apenas no seu conteúdo, mas também nas formas pelas quais ele é criado e recebido por diferentes grupos sociais. Assim, os jornais guardados no Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz não são considerados nesta pesquisa como relatos objetivos da realidade, mas como construções que participaram ativamente na formação da memória de Dorothea.

> "As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguns discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. " (Chartier, 2002, p. 17).

Essa perspectiva reforça a compreensão de que os jornais analisados não apenas informam sobre a trajetória de Dorothéa Menegon Farina, mas constroem representações que influenciam a forma como sua memória é socialmente percebida e compartilhada. Desse modo, ao selecionar certos eventos, estabelecer conexões entre eles e organizá-los em uma narrativa coesa, tanto o historiador quanto o jornalista criam interpretações do passado. Assim, a notícia deixa de ser apenas uma reprodução dos fatos para se tornar um documento produzido historicamente, revelando valores, escolhas editoriais e interesses presentes no contexto em que foi publicada.

A pesquisa realizada no Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz revelou que os jornais ocupam um espaço de destaque na exposição, sendo dispostos em painéis junto com fotografias, documentos e objetos relacionados à trajetória de Dorothéa Menegon Farina. Essa disposição mostra que as reportagens passaram de sua função inicialmente informativa para fazer parte da própria narrativa criada pela instituição. Quando preservados no museu, os jornais deixam de ser meros registros do passado e se transformam em elementos essenciais do projeto de identidade (Bourdieu, 1996).

Portanto a imprensa passa a constituir, uma fonte importante para compreender não apenas a circulação das notícias relacionadas a Dorothéa Menegon Farina, mas também as diferentes formas pelas quais sua experiência religiosa foi interpretada e apresentada ao público. As matérias localizadas em diferentes periódicos, produzidas em momentos distintos, permitem observar que a narrativa sobre Dorothéa não foi homogênea. Enquanto algumas publicações destacam às aparições, à cruz e os acontecimentos considerados extraordinários, outras focam nas dúvidas, nas acusações e na posição contrária da Igreja. Assim sendo, antes de analisar essas representações de maneira mais detalhada, apresenta-se, a seguir, um levantamento das principais matérias jornalísticas utilizadas nesta pesquisa.

Tabela de alguns jornais que encontram-se dispostos no Santuário

Data	Periódico	Título da matéria	Conteúdo/tema da matéria	Contribuição para a análise histórica
11 fev. 1945	*Correio do Povo*	"A Virgem Maria apareceu duas vezes em Erechim..."	Registro das aparições e do surgimento da cruz em Lajeado Paca.	**Circulação inicial do acontecimento**, evidenciando a divulgação das manifestações para além do espaço local.
27 abr. 1957	*A Hora*	"Defesa e acusação da estigmatizada de Erechim"	Apresenta posições favoráveis e contrárias a Dorothéa.	**Existência de defesa e acusação**, evidenciando a disputa em torno da legitimidade de sua experiência religiosa.
23 jun. 1957	*A Voz da Serra*	"Aparições"	Registro das aparições na imprensa local.	**Repercussão na imprensa local**, demonstrando a inserção do fenômeno no cotidiano e na memória da comunidade.
15 abr. 1958	*Folha da Tarde*	"72 horas de trevas anuncia Dorothea, a mística de Erechim"	Apresenta Dorothéa como figura mística e registra suas previsões.	**Ampliação da figura de Dorothéa como "mística"**, contribuindo para a construção de uma imagem extraordinária da personagem.
18 abr. 1959	*O Cruzeiro*	"Estranho caso de Dona Dorothéa: sacerdotes não creem"	Aborda o caso e destaca a descrença de sacerdotes.	**Repercussão em âmbito mais amplo e conflito com a posição de sacerdotes**, evidenciando a tensão entre devoção popular e autoridade religiosa.
20 abr. 1974	*Zero Hora*	-	Registra a posição do bispo diocesano de Erechim contrária ao fenômeno.	**Posição institucional contrária da autoridade episcopal**, evidenciando a tentativa de deslegitimação do fenômeno pela Igreja institucional.

Data	Periódico	Título da matéria	Conteúdo/tema da matéria	Contribuição para a análise histórica
7–8 set. 1993	*Diário da Manhã*	“Vândalos destroem cruz em Lajeado Paca”	Registra a destruição da cruz.	**Permanência da memória do fenômeno e da cruz**, inclusive por meio de conflitos e atos de destruição ocorridos décadas depois.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Esse conjunto de matérias permite perceber que a imagem de Dorothéa foi sendo construída e reelaborada ao longo do tempo, a partir de diferentes perspectivas. As narrativas jornalísticas não apresentam uma representação única da personagem, ao contrário: ao lado dos relatos que destacam as aparições, os sinais extraordinários e a dimensão mística de sua experiência, encontram-se discursos de contestação, desconfiança e rejeição, principalmente de representantes da Igreja. Essas variantes são significativas para a compreensão da construção da santidade popular, uma vez que a figura de Dorothéa não foi construída apenas pela aceitação de seus devotos, mas também pelas disputas em torno da legitimidade de suas experiências.

Nesse processo, a imprensa pode ser compreendida não apenas como veículo de transmissão de informações, mas como espaço de produção e circulação de representações sobre a personagem e sobre o próprio Lajeado Paca. Ao registrar as aparições, os testemunhos, as controvérsias e os acontecimentos relacionados à cruz, os jornais contribuíram para ampliar a circulação dessas narrativas e para preservar determinados acontecimentos na memória coletiva. Ao mesmo tempo, as matérias que questionavam a autenticidade dos fenômenos revelam que a construção da devoção ocorreu em meio a tensões entre diferentes formas de compreender a experiência religiosa.

Essa dinâmica aproxima-se da noção de “vida de santo”, na medida em que a trajetória de Dorothéa foi sendo organizada a partir de acontecimentos considerados extraordinários, testemunhos, sinais, sofrimentos e experiências religiosas atribuídas à personagem. Conforme discutido por Renan Santos Mattos e Artur Isaia, a construção dessas narrativas não deve ser compreendida apenas como uma sucessão de acontecimentos, mas como um processo de elaboração de sentidos sobre a vida de uma personagem reconhecida como portadora de uma experiência religiosa excepcional. No caso de Dorothéa, essas narrativas foram produzidas e reproduzidas por devotos, pela imprensa e pelo próprio espaço do santuário, contribuindo para a permanência de sua memória e para a consolidação da devoção a Nossa Senhora da Santa Cruz.

Figura 14 - Painel com recortes de jornais preservados no acervo



Fonte: Acervo da autora (2026).

A disposição dos recortes em painéis, como mostra a figura 14, revela uma intenção narrativa deliberada. O visitante não encontra as reportagens organizadas apenas por critérios cronológicos ou documentais, mas dispostas de forma a orientar sua leitura sobre a trajetória de Dorothea. A ordem das notícias cria conexões entre diferentes eventos, formando uma narrativa que entrelaça sofrimento, devoção, reconhecimento popular e a consolidação do santuário. Para tanto, os jornais não apenas transmitem informações sobre Dorothea; eles também participam ativamente da construção da imagem que hoje se mantém sobre ela.

Le Goff (1990) argumenta que todo documento histórico deve ser visto também como um monumento, pois sua preservação resulta de escolhas feitas por pessoas e instituições. Nenhum documento chega ao presente de forma neutra; pelo contrário, sua conservação resulta de processos seletivos que refletem relações de poder e interesses sociais. Essa reflexão é especialmente relevante para entender o acervo do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz. As reportagens em exibição atualmente não representam todas as publicações feitas sobre Dorothea, mas sim aquelas consideradas importantes para a narrativa criada pelo espaço religioso.

> “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado; é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. ” (Le Goff, 1990, p. 545).

A reflexão de Le Goff permite compreender que a seleção das reportagens preservadas no Santuário constitui uma escolha institucional que atribui novos significados a esses registros, transformando-os em elementos da memória coletiva e da narrativa construída sobre Dorothéa Menegon Farina.

A escolha dos documentos feita pelo santuário revela, assim, uma dupla ação de memória. Inicialmente, a mídia selecionou eventos que julgou relevantes para serem divulgados. Depois, a própria instituição religiosa decidiu quais reportagens seriam mantidas e exibidas ao público. Cada uma dessas decisões ajudou a formar uma determinada imagem de Dorothéa Menegon Farina, destacando aspectos específicos de sua história e deixando de lado outros que não foram apresentados na exposição.

Figura 15 - Primeira reportagem preservada sobre Dorothéa Menegon Farina



Fonte: Acervo da autora (2026).

Figura 16 - Reportagem destacando os fenômenos místicos atribuídos à Dorothéa



Chagas de Cristo no corpo de Dorotéia

ENQUANTO A IGREJA A HOSTILIZA E NEGA A SINCERIDADE DOS FATOS, JORRA SANGUE DAS FERIDAS QUE SE ABREM NA CARNE DA COLONA DE LAJEADO PACA ... AS APARIÇÕES DA VIRGEM MARIA E O FENÔMENO DA SEMANA SANTA — DOM CLÁUDIO COLLING OPÕE A ENERGICA PALAVRA DA IGREJA AO DEPOIMENTO DOS CRENTES

(Primeiro de duas reportagens de Brasil Vianna)

Fonte: Acervo da autora (2026).

A análise desta reportagem mostra que a linguagem utilizada pelo jornal vai além da simples descrição dos eventos. O vocabulário escolhido, a seleção das informações e a estrutura da narrativa atribuem determinados sentidos à experiência de Dorothea. Como aponta Chartier (2002), todo texto cria representações da realidade e participa da construção das formas pelas quais as pessoas entendem o mundo social. Nesse caso, a reportagem ajudou a divulgar uma imagem específica da personagem, influenciando a maneira como seus passos foram percebidos pelos leitores.

Outro ponto importante diz respeito à relação entre texto e imagem. Em várias reportagens do acervo, as fotografias têm um papel igualmente relevante na construção da narrativa jornalística. As imagens reforçam visualmente o que o texto tenta comunicar, gerando uma sensação de autenticidade e aproximando o leitor dos acontecimentos descritos. Sob a ótica da História Cultural, texto e imagem são documentos complementares, cuja análise conjunta amplia as possibilidades de interpretação histórica.

A continuidade na análise dos periódicos mantidos no acervo revela que a representação de Dorothéa Menegon Farina passou por mudanças ao longo do tempo. Nos primeiros registros,

predominava a divulgação de fatos relacionados à sua vida e ao impacto de sua história na comunidade local. Com o fortalecimento da devoção popular, no entanto, nota-se uma mudança significativa no foco das reportagens. O jornalismo passou a dar destaque às romarias, ao aumento do número de visitantes, aos testemunhos de graças recebidas e ao reconhecimento do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz como um local de peregrinação religiosa. Essa mudança evidencia que a imprensa acompanhou as transformações na memória coletiva, ajudando a consolidar novas interpretações sobre a trajetória de Dorothea.

Figura 17 - Reportagem sobre o aumento das romarias ao Santuário



Fonte: Acervo da autora (2026).

A reportagem apresentada demonstra que a abordagem jornalística deixou de focar exclusivamente na personagem para enfatizar o movimento religioso que se formou em torno de sua memória. Essa mudança é especialmente importante para entender a formação social da devoção mostrando que o aumento das romarias não representa apenas uma questão religiosa,

e sim um processo de reafirmação coletiva da memória de Dorothea, que é continuamente atualizada pelos fiéis que visitam o santuário.

Nota-se também que a linguagem usada nas reportagens passa a ser cada vez mais próxima do discurso religioso. Termos ligados à fé, esperança, milagres e devoção aparecem com maior frequência, sugerindo que a mídia não apenas documentava práticas religiosas existentes, mas ajudava a divulgar e fortalecer essas tradições. Contudo, os jornais funcionaram como importantes intermediários entre o espaço local e um público mais amplo, aumentando a circulação das narrativas sobre Dorothéa Menegon Farina.

Essa característica fica evidente na reportagem seguinte, em que a dimensão religiosa passa a ocupar um papel central na narrativa.

Figura 18 - Reportagem destacando a devoção popular e os relatos de graças



O povo se reúne no santuário de Nossa Senhora da Santa Cruz

No dia 2 do corrente mês, dia dedicado a Nossa Senhora dos Navegantes, foi concelebrada a primeira missa no novo santuário de Nossa Senhora da Santa Cruz. Está localizado entre os municípios de Aratiba, e Erechim, a 16 quilômetros da Cidade, seguindo a estrada para Concórdia.

Vindos de Porto Alegre, os Padres Sidney e Amilton presidiram a celebração eucarística, às 15 horas, com a presença de centenas de pessoas, que rezaram especialmente pelos doentes e pela paz nas famílias. No final da celebração, os padres abençoaram os presentes e o próprio santuário.

Nas datas em que se relembram as aparições de Nossa Senhora, que são 6 de janeiro, 11 de fevereiro, 1ª dia da quaresma, 3 de maio e 14 de setembro, multidões de pessoas formando verdadeiras romarias, se reúnem no santuário de Nossa Senhora da Santa Cruz, para agradecer e pedir a saúde e a paz.

Fonte: Acervo da autora (2026).

A frequência de relatos de graças recebidas evidencia um aspecto essencial na formação da santidade popular. Diferentemente dos processos formais realizados pela Igreja Católica para declarar alguém santo, a santidade popular surge inicialmente a partir das experiências dos próprios fiéis, que atribuem poderes de intercessão às pessoas consideradas exemplares por sua trajetória de vida. Logo, a mídia tem um papel importante ao registrar e divulgar esses testemunhos, ampliando sua repercussão além do âmbito local.

De acordo com Pierre Bourdieu (1989), os discursos socialmente validados desempenham uma função significativa na construção do poder simbólico. Quando certos

veículos de comunicação repetem continuamente uma mesma narrativa, essa história tende a ganhar maior credibilidade perante o público. No caso em questão, a repetição de matérias destacando a devoção popular, as romarias e os testemunhos religiosos ajudou a consolidar uma imagem pública de Dorothéa como alguém associada à santidade, reforçando o reconhecimento social que se formou em torno de sua memória.

Além do conteúdo das reportagens, é importante destacar a maneira como esses documentos são exibidos no museu. Durante a pesquisa de campo, observou-se que os jornais não ficam guardados em arquivos específicos para consulta documental. Em vez disso, eles fazem parte do percurso expositivo, contribuindo para a narrativa visual criada pelo Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz. Essa organização facilita que o visitante faça ligações entre fotografias, objetos pessoais, documentos históricos e notícias da imprensa, promovendo uma leitura unificada da trajetória de Dorothea, transformando documentos originalmente feitos para uso cotidiano em elementos permanentes da memória institucional. Os jornais deixam de ter apenas uma função informativa e passam a fazer parte de um acervo patrimonial que preserva a história de Dorothea.

Outro ponto observado na pesquisa é a presença de diferentes temporalidades no espaço expositivo. Reportagens antigas convivem com fotos recentes das romarias, documentos históricos estão ao lado de testemunhos atuais, e objetos relacionados à vida de Dorothéa são ligados às manifestações contemporâneas da devoção popular. Essa combinação cria uma sensação de continuidade histórica, unindo passado e presente em uma mesma narrativa.

Essa continuidade mostra que a memória não é fixa. Segundo Le Goff (1990), lembrar que envolve sempre reinterpretar o passado de acordo com as necessidades do presente. Os jornais preservados no acervo ilustram exatamente esse movimento. Apesar de terem sido produzidos em épocas diferentes, todos são reorganizados de maneira a seguir uma lógica narrativa comum, com o objetivo de destacar Dorothéa Menegon Farina como personagem principal da história religiosa local. O visitante não passa apenas por uma sequência de documentos; ele vivencia uma narrativa cuidadosamente elaborada por meio da seleção de reportagens, imagens e objetos.

Ao final do percurso expositivo, fica claro que a imprensa teve uma dupla função na história. Primeiro, ela ajudou a divulgar os acontecimentos relacionados à vida de Dorothéa e ao crescimento da devoção popular. Depois, as próprias reportagens passaram a fazer parte do patrimônio documental do Santuário, adquirindo um novo significado enquanto objetos de memória. Esse processo revela que os jornais atuam tanto como fontes para a pesquisa histórica quanto como elementos que compõem a narrativa criada pela instituição religiosa.

A análise da imprensa revela que a memória de Dorothéa Menegon Farina não foi formada somente pela tradição oral ou pelas práticas religiosas praticadas pela comunidade. Os jornais tiveram um papel fundamental na criação e na divulgação das representações sociais relacionadas à sua trajetória, dando visibilidade pública aos acontecimentos e ajudando a consolidar a devoção que mais tarde seria mantida pelo Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz. A inclusão dessas reportagens no museu demonstra que a imprensa deixou de ser apenas uma testemunha dos eventos para se tornar parte do próprio patrimônio histórico e de manutenção da memória. Assim sendo, os periódicos guardados representam não apenas registros documentais, mas também atuam como agentes ativos na formação da memória coletiva e na construção da santidade popular atribuída à Dorothéa Menegon Farina.

4.3 A DISPUTA PELA SANTIDADE: ENTRE A REJEIÇÃO E A LEGITIMAÇÃO

A vida de santidade atribuída à Dorothéa Menegon Farina não ocorreu por reconhecimento formal da Igreja Católica, e sim por um processo gradual de construção da memória coletiva, desenvolvido pela comunidade local e reforçado pelas práticas devocionais que se consolidaram ao longo do tempo. Neste cenário, a santidade surge como consequência de um conjunto de representações socialmente produzidas, nas quais o sofrimento, o isolamento e a religiosidade desempenham papel central. A análise do acervo do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz revela que esses elementos estão constantemente presentes na organização da exposição, nos relatos preservados e nos objetos ligados à trajetória de Dorothea, indicando que a memória em torno de sua figura está profundamente relacionada à valorização de sua experiência de sofrimento.

A história do cristianismo mostra que o sofrimento frequentemente ocupa uma posição privilegiada na construção das narrativas de santidade. Diversos indivíduos reconhecidos como santos tiveram suas vidas marcadas por doenças, perseguições, privações ou experiências intensas de dor física e espiritual. Nessas histórias, a dor deixa de ser vista apenas como uma condição humana para adquirir um significado religioso, sendo interpretada como uma forma de aproximação com Cristo. Percebe-se que a memória construída ao redor de Dorothea, incorpora elementos semelhantes, aproximando sua experiência dos modelos tradicionais de santidade difundidos pelo catolicismo.

Essa leitura pode ser percebida na maneira como o museu apresenta sua história. Os objetos pessoais preservados, o quarto praticamente intacto e os documentos exibidos levam o visitante a entender uma vida marcada pelo sofrimento e pela fé perseverante. A disposição

desses elementos na exposição cria uma narrativa contínua, na qual a dor não é vista como um episódio isolado, mas como uma característica constante na trajetória de Dorothea.

A conservação do quarto é um dos aspectos mais importantes da exposição. Ao manter a disposição dos móveis, da cama e dos objetos pessoais, o espaço transmite a sensação de permanência, como se o tempo tivesse parado naquele ambiente. Essa abordagem nos moldes de museu, reforça a veracidade da história apresentada, fazendo com que o espaço seja percebido como um testemunho material da vida de Dorothea.

Sob essa perspectiva, a preservação do quarto de Dorothéa Menegon Farina ultrapassa a simples conservação patrimonial. O ambiente é transformado em um espaço simbólico no qual objetos, mobiliário e lembranças passam a representar coletivamente sua trajetória, contribuindo para a legitimação de sua memória e para o fortalecimento da devoção popular.

Outro ponto que merece atenção é a forma como a narrativa do santuário relaciona sofrimento e religiosidade. Em momento algum a exposição se limita a apresentar fatos biográficos. Pelo contrário, objetos, fotografias, documentos e relatos são organizados de modo a destacar uma trajetória de fé diante das dificuldades enfrentadas. Essa abordagem ajuda a aproximar Dorothéa dos modelos tradicionais de santidade do imaginário católico, nos quais aceitar o sofrimento costuma ser visto como uma demonstração de virtude e de profunda espiritualidade.

Ao lado da valorização do sofrimento, outro aspecto frequente nas histórias sobre Dorothéa é a menção à loucura. Pesquisas históricas mostram que sua condição foi interpretada de diferentes formas ao longo do tempo, às vezes sob uma ótica médica, outras sob explicações religiosas ou populares. Essa variedade de interpretações evidencia que a loucura não é uma categoria fixa, mas uma construção histórica e cultural cujo significado muda de acordo com os contextos sociais. Segundo Michel Foucault (1978), as ideias sobre loucura evoluem ao longo da história, refletindo diferentes maneiras de entender o comportamento humano e de organizar as relações entre normalidade e desvio.

> “A loucura só existe em uma sociedade; ela não existe fora das formas de sensibilidade que a isolam e das formas de repulsão que a excluem ou a capturam. Assim, aquilo que uma época chama de loucura depende das relações que estabelece entre razão e desrazão, entre normalidade e desvio, produzindo diferentes maneiras de compreender e tratar aqueles considerados loucos. ” (Foucault, 1978, p. 78).

A reflexão de Foucault permite compreender que as interpretações atribuídas à condição de Dorothéa variaram conforme os referenciais culturais e religiosos de cada período. Dessa forma, sua experiência deixou de ser entendida exclusivamente sob uma perspectiva médica

para adquirir novos significados vinculados à religiosidade popular e à construção de sua memória.

A presença desses registros na exposição indica que o santuário não tenta esconder os episódios relacionados ao sofrimento psicológico de Dorothea. Contudo, esses eventos são reinterpretados à luz da religiosidade, sendo integrados à narrativa que destaca sua perseverança, fé e importância para a comunidade local. Assim, a memória criada pelo espaço religioso transforma experiências que antes poderiam ser vistas como sinais de vulnerabilidade em elementos que reforçam a imagem de santidade atribuída à figura histórica.

4.4 DA MEMÓRIA À SANTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA HAGIOGRAFIA DE DOROTHÉA

Ao longo deste estudo, percebe-se que a trajetória de Dorothéa Menegon Farina transcendeu uma narrativa pessoal, integrando-se a um processo mais amplo de formação da memória religiosa. O conjunto composto pelo Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz, pela casa preservada, pelos objetos pessoais, pelos jornais e pelos depoimentos de fiéis mostra que a lembrança de Dorothéa foi sendo reinterpretada pela comunidade ao longo do tempo, adquirindo elementos típicos das histórias de santos. Mesmo sem reconhecimento oficial da Igreja Católica, nota-se que sua história passou a ser difundida por meio de elementos tradicionalmente associados à construção da santidade popular, como o sofrimento, a perseverança na fé, os relatos de graças recebidas e a continuidade da devoção.

A estrutura do painel biográfico revela que a vida de Dorothéa é apresentada de maneira linear, destacando eventos considerados essenciais para entender sua trajetória. Essa escolha de fatos não é neutra, mas reflete uma narrativa moldada por decisões institucionais que privilegiam certos episódios em detrimento de outros. Segundo Le Goff (1990), toda memória é resultado de um processo seletivo, no qual indivíduos e grupos sociais decidem quais acontecimentos serão lembrados e quais serão esquecidos. No caso do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz, essa seleção ajuda a consolidar uma imagem de Dorothéa fortemente ligada à experiência religiosa e ao sofrimento vivido durante sua vida.

Essa narrativa se assemelha à estrutura tradicional das hagiografias cristãs, nas quais a trajetória do personagem é estruturada para destacar virtudes, momentos de sofrimento, demonstrações de fé e o reconhecimento posterior por parte da comunidade. Para tanto, fica claro que a memória em torno de Dorothéa reflete características comuns às histórias dos santos populares. A continuidade das visitas ao santuário, os pedidos de intercessão e os relatos de

graças recebidas evidenciam essa ideia, mostrando que a devoção foi formada socialmente antes mesmo de qualquer reconhecimento oficial.

Figura 19 - Espaços destinados às manifestações de fé e homenagens dos visitantes



Fonte: Acervo da autora (2026).

Figura 20 - Espaços destinados às manifestações de fé e homenagens dos visitantes II[7]



Fonte: Acervo da autora (2026).

As expressões deixadas pelos fiéis demonstram que Dorothéa ainda mantém uma posição importante na religiosidade da região. Orações, agradecimentos, pedidos e testemunhos mostram que a conexão entre os visitantes e sua memória vai além de um interesse histórico, assumindo um caráter profundamente religioso

[7] As figuras 19 e 20 mostram espaços existentes no Santuário em que os devotos que peregrinam até lá, demonstram sua fé através da colocação de fitinhas com seus pedidos ou agradecimentos de pedidos considerados atendidos.

Ao analisar o percurso expositivo, é possível perceber que objetos, documentos e fotos não estão isolados, mas sim integrados em uma narrativa única que ajuda o visitante a entender Dorothéa como uma personagem marcada pela fé, pelo sofrimento e pela devoção religiosa. Essa organização transforma o museu em um espaço de criação de sentidos, onde a memória é continuamente refeita por meio da interação entre o patrimônio material e as práticas devocionais.

Sob essa ótica, a narrativa de santidade criada em torno de Dorothéa Menegon Farina vai além de simplesmente preservar memórias do passado. Ela representa um processo histórico em constante evolução, impulsionado pelas práticas religiosas, pelo envolvimento do Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz e pela participação da comunidade na transmissão dessa história às próximas gerações. Os locais preservados, os jornais estudados e os objetos apresentados neste capítulo evidenciam que a memória de Dorothéa continua sendo produzida e reinterpretada, fortalecendo uma forma de santidade popular fundamentada na experiência coletiva de fé. Dessa forma, a hagiografia de Dorothéa não é apenas um relato sobre sua trajetória, mas uma expressão de como uma comunidade escolheu recordar, interpretar e manter viva sua história, transformando-a em símbolo de identidade religiosa, cultural e patrimonial.

.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que forma o Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz funciona como um espaço de memória, preservando e reinterpretando a trajetória de Dorothéa Menegon Farina, além de fortalecer a devoção popular na região do interior do Rio Grande do Sul. Durante o estudo, constatou-se que a manutenção dessa devoção vai além dos relatos de aparições ou milagres, sendo principalmente resultado dos processos históricos de construção da memória coletiva, evidenciados no próprio santuário, nas romarias, nos objetos conservados, nos documentos e nas histórias compartilhadas pelos fiéis.

No segundo capítulo, buscou-se fornecer um panorama histórico sobre a formação da Colônia Erechim, evidenciando que a diversidade étnica e religiosa advinda do processo de colonização criou um ambiente propício ao desenvolvimento de variadas formas de religiosidade popular. Além disso, foi possível entender como o cenário religioso regional foi moldado por diferentes tradições culturais e religiosas, formando um espaço onde as experiências devocionais populares puderam florescer.

No terceiro capítulo, a investigação focou na história de Dorothéa Menegon Farina, examinando as histórias relacionadas às suas aparições, ao sofrimento, às perseguições e à formação da devoção à Nossa Senhora da Santa Cruz. Constatou-se que sua narrativa vai além do âmbito pessoal, sendo reinterpretada pelos fiéis como uma expressão de santidade e uma ponte com o sagrado, o que ajudou a consolidar o santuário como um local de peregrinação e prática religiosa.

No quarto capítulo, ficou claro que a continuidade dessa devoção depende diretamente dos mecanismos de preservação da memória. A análise do santuário revelou que seus objetos, espaços, documentos e rotas de visitação constroem uma narrativa que mantém viva a lembrança de Dorothéa Menegon Farina. Além disso, os jornais preservados e exibidos no local mostram que a imprensa teve papel fundamental na divulgação e na formação das representações sobre sua trajetória, ajudando a ampliar o alcance da devoção e a garantir sua permanência ao longo do tempo.

Com base nas contribuições de Pierre Bourdieu, foi possível entender que a devoção resulta de disputas simbólicas dentro do campo religioso, em que práticas inicialmente marginalizadas podem ganhar legitimidade social ao serem reconhecidas pelos próprios fiéis. Paralelamente, as reflexões de Jacques Le Goff ajudaram a interpretar o santuário como um verdadeiro espaço de memória, onde passado e presente se conectam continuamente por meio de práticas, objetos, celebrações e narrativas que preservam a identidade coletiva da comunidade devota.

Dessa forma, conclui-se que o Santuário Nossa Senhora da Santa Cruz não é apenas um local físico para orar, mas um espaço dedicado à produção, preservação e transmissão da memória religiosa, responsável por manter viva a história de Dorothéa Menegon Farina e reafirmar constantemente o significado da devoção em torno de sua figura.

Por fim, esta pesquisa não esgota todas as possibilidades de estudo sobre o tema. Pesquisas futuras podem aprofundar a análise da cobertura jornalística feita pelos veículos de Erechim, Passo Fundo e demais cidades da região, investigando como diferentes meios de comunicação retrataram a trajetória de Dorothéa ao longo dos anos. Além disso, podem explorar as mudanças recentes na devoção, o crescimento das romarias, a memória oral dos fiéis e as relações entre religiosidade popular, patrimônio cultural e turismo religioso, ampliando ainda mais a compreensão histórica desse importante fenômeno religioso regional.

REFERÊNCIAS

BALD, Marlene; MACIEL, Marcela Alvares. Cartografia literária da cidade: um estudo do papel das feiras do livro de Erechim para a formação do leitor em escolas públicas locais de ensino fundamental. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 12, p. 15298-15321, 2023.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A gênese e a estrutura do campo religioso**. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 85-116.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARON, Márcia; TEDESCO, João Carlos. O Estado positivista no norte do RS: a questão da propriedade da terra e a fundação da colônia Erechim (1890/1910). **História Unisinos**, v. 16, n. 2, p. 220-231, 2012.

CASSOL, Ernesto. **Histórico de Erechim**. Erechim: CESE, 1979.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DE LUCA, Tania Regina. **A grande imprensa na formação do Brasil contemporâneo (1930-1960)**. São Paulo: Contexto, 2011.

DUCATTI NETO, Antônio. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST, 1981.

FIORI, Eneida; SANGENIS, Luiz Fernando Conde. Quase secularização: um estudo sobre as relações entre a cultura brasileira, a religiosidade popular e a laicidade da escola pública. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 27, n. 2, 2022.

FONT, Juarez M. Illa. **Serra do Erechim: tempos heroicos**. Erechim: Empresa Gráfica Carraro, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GARCEZ, Neusa Cidade. **Colonização e imigração em Erechim: a saga das famílias polonesas (1900-1950)**. Erechim: Edelbra, 1997.

GOMES, Saul António. Hagiografia, arte e cultura no Outono da Idade Média. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 6, p. 29-55, 2014.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e colonização: legislação de 1747-1915**. Porto Alegre: EDUCS, 2001.

ISAIA, Artur César. **O campo religioso brasileiro e suas transformações históricas**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

ISAIA, Artur Cesar; MATTOS, Renan Santos. **Biografia e Espiritismo: o caso de Fernando do Ó.** Mouseion, Canoas, n. 22, p. 69-83, dez. 2015. DOI: 10.18316/1981-7207.15.10.

JORNAL VOZ DA SERRA. **Jornal Voz da Serra**. Nova Friburgo, abr. 1956.

KARNAL, Oscar da Costa. **Subsídios para a história do município de Erechim**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1926.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MOLOZZI, Ana Paula Prilla. **A "danação" da cultura edificada: a demolição da Igreja Matriz de Erechim**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2017.

NOSSA SENHORA... NOSSA SENHORA DA SANTA CRUZ – ERECHIM-RS-BRASIL: A VIDENTE DOROTEIA FARINA. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://sites.google.com/site/asaparicoesdejesusmariaejose/nossa-senhora-da-santa-cruz-erechim-rs-brasil-a-vidente-doroteia-farina. Acesso em: 28 mar. 2026.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PSIDONIK, Jorge Valdair. **Luta por moradia em Erechim/RS: a ação do movimento popular urbano**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2019.

SAVACINSKI, Maisa. **A devoção e a religiosidade através de uma perspectiva popular no caso Dorothéa Menegon Farina**. 2017. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, Erechim, 2017. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1958. Acesso em: 30 mar. 2026.

SAVINSKI, Silvana. **Imprensa e religiosidade no interior do Rio Grande do Sul: representações e identidades regionais (1930-1960)**. Passo Fundo: UPF Editora, 2015.

SCHMIDT, Remís Alice Perin. **Erechim: cidade construída para imigrantes: poder simbólico na conquista do espaço urbano**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVEIRA, Ildefonso. **Retrato de Santa Clara de Assis na literatura hagiográfica**. Petrópolis: Vozes, 1995.